

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**FLÁVIO MOREIRA DE PAULA**

**EDUCAÇÃO POPULAR E CLASSE TRABALHADORA: UM ESTUDO SOBRE  
A CASA DE EDUCAÇÃO POPULAR NO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA,  
SUDOESTE PARAENSE**

**BELÉM-PA  
2023**



**FLÁVIO MOREIRA DE PAULA**

**EDUCAÇÃO POPULAR E CLASSE TRABALHADORA: UM ESTUDO SOBRE A  
CASA DE EDUCAÇÃO POPULAR NO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA, SUDOESTE  
PARAENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará.

**Linha de Pesquisa:** Saberes culturais e Educação na Amazônia.

**Orientador:** Prof. Dr. João Colares da Mota Neto.

**BELÉM-PA  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém – PA**

---

Paula, Flávio Moreira de

Educação popular e classe trabalhadora: um estudo sobre a casa de educação popular no município de Altamira, sudoeste paraense / Flávio Moreira de Paula; orientador João Colares da Mota Neto. – 2021.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2023.

1. Educação popular - Altamira-PA 2. Trabalhadores – Altamira-PA

3. Movimentos sociais - Altamira-PA. I. Mota Neto, João Colares da (orient.) II. Título.

CDD 23 ed.374.98115

RB-739

**FLÁVIO MOREIRA DE PAULA**

**EDUCAÇÃO POPULAR E CLASSE TRABALHADORA: UM ESTUDO SOBRE A  
CASA DE EDUCAÇÃO POPULAR NO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA, SUDOESTE  
PARAENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará.

**Linha de Pesquisa:** Saberes culturais e Educação na Amazônia.

**Orientador:** Prof. Dr. João Colares da Mota Neto.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. João Colares da Mota Neto (UEPA) - Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franciele Clara Peloso (UFTPR) – Examinadora Externa

---

Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa (UEPA) – Examinador Interno

À minha avó, Maria Lucia e ao meu avô  
José Modesto (*in memoriam*) meu  
primeiro grande  
incentivador à leitura.

À minha amada mãe, que com muita  
emoção dedico um poema de Carlos  
Drummond de Andrade, questionando o  
porquê de as mães  
morrerem.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Estado do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade de concluir essa etapa da minha formação profissional e acadêmica.

Agradeço a todos os meus professores e todas as minhas professoras, desde a escolaridade básica à pós-graduação, pois o trabalho de formação de seres humanos é um ofício grandioso e conheço muito os desafios diários dessa profissão.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. João Colares, pela compreensão e orientação nesse trabalho, mostrando-se sempre um autêntico educador popular, agradeço por acreditar em mim, e por fazer muita diferença no meu projeto de vida.

Agradeço imensamente a Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Eldra Carvalho que hoje é docente na Universidade Federal do Oeste do Pará, por ter sido minha grande incentivadora desde a graduação, não me fazendo desistir, sem ela não estaria nesse exato momento pleiteando um título de mestre.

Agradeço a minha tia madrinha, Zuleide de Souza, a qual mesmo sem ter conseguido completar sua escolarização, sempre insistiu e incentivou para que estudássemos, num sistema disciplinar que hoje vejo que fez toda a diferença. Também a agradeço por ter feito parte em toda minha vida e quando em dificuldades financeiras na cidade de São Paulo, nos acolhia de braços abertos em sua casa no nordeste brasileiro, e depois da partida de minha mãe, passou a cumprir um papel de segunda autêntica mãe. Obrigado, madrinha!

Agradeço também a minha irmã Júlia Moreira por sempre ter acreditado em mim e nos momentos mais difíceis se fazia presente.

Agradeço a minha ex-esposa, Alcione Gonçalves, por ter me dado duas filhas lindas que foram meus alicerces nessa jornada acadêmica em busca de dias melhores.

Agradeço aos meus colegas de graduação e pós-graduação. Acreditem, aprendi muito com cada um e cada uma, e isso me deu mais força para persistir.

Agradeço aos meus educandos e minhas educandas, que em anos de docência me ensinaram muito, nunca entrei ou saí de uma sala de aula sem que algo eu tenha aprendido. Quero fazer um agradecimento especial aos meus educandos/as dos Círculos de Cultura (Alfabetização de Jovens e Adultos), pois tive grandes professores na minha vida escolar e acadêmica, mas acreditem, nunca aprendi tanto

com a sabedoria que vinha de cada um de vocês. Vocês nos ensinaram tanto com parte das suas histórias.

Agradeço a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho. Muito obrigado!

## RESUMO

A educação popular configura-se como uma concepção de educação que serve à causa popular e é feita pelo povo e com o povo, ou seja, expressa as lutas da classe trabalhadora por uma educação transformadora, libertadora e emancipatória. A história da Educação Popular no município de Altamira, estado do Pará, está diretamente ligada à história dos movimentos sociais que surgiram na década de 1970 e ganharam novas configurações logo após as novas situações econômicas e sociais geradas a partir da implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. A classe trabalhadora de Altamira ficou exposta a várias problemáticas ambientais, sociais e econômicas. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo analisar o processo educativo desenvolvido na Casa de Educação Popular (CEP) do município de Altamira-PA, em uma de suas frentes de atuação, o Cursinho Popular, bem como os seus impactos para a classe trabalhadora atendida. A pesquisa teve abordagem qualitativa e se caracteriza, metodologicamente, como um estudo de caso. Utilizamos como instrumentos para a construção do *corpus* da pesquisa: o levantamento documental, a pesquisa de campo, a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas durante os meses de junho a agosto de 2021. Foram realizadas 15 entrevistas com os seguintes sujeitos: (i) Educandos; (ii) Professores; (iii) Coordenadores e (iv) Líderes de Movimentos Sociais. A partir dos resultados obtidos ficou evidenciado a importância das frentes de atuação da CEP na região, sobretudo, a importância do Cursinho Popular na vida dos educandos atendidos. Com sua perspectiva teórico-metodológica inovadora baseada nos princípios da Educação Libertadora de Paulo Freire, o Cursinho Popular teve diversos resultados positivos durante os mais de dez anos atuando na educação de jovens e adultos neste município. A importância da Educação Popular no município de Altamira, num contexto de vulnerabilidade social, teve participação incisiva no cotidiano dos indivíduos envolvidos no movimento, ficando claro que o Cursinho não só foi responsável pela aprovação de grande parte dos alunos mais pobres da cidade em universidades públicas e privadas, mas também teve impacto nos ensinamentos sobre cidadania e política à classe trabalhadora do município.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Classe Trabalhadora. Casa de Educação Popular. Movimentos Sociais. Altamira-Pará.

## ABSTRACT

Popular education is configured as a modality of education that serves the popular cause and is carried out by the people and with the people, that is, it expresses the struggles of the working class for a transforming, liberating and emancipatory education. The history of Popular Education in the municipality of Altamira, state of Pará, is directly linked to the history of social movements that emerged in the 1970 and gained new configurations soon after the new economic and social situations generated from the implementation of the Belo Monte Hydroelectric Power Plant. The working class of Altamira was exposed to various environmental, social and economic problems. In view of this, the present study aimed to analyze the educational process developed at the Casa de Educação Popular (CEP) in the municipality of Altamira-PA, in one of its fronts, the Popular Course, as well as their impacts on the working class served. The research had a qualitative approach and is characterized, methodologically, as a case study. We used as instruments for the construction of the research corpus: the documentary survey, field research, participant observation and semi-structured interviews. The interviews were carried out from June to August 2021. 15 interviews were carried out with the following subjects: (i) Students; (ii) Professors; (iii) Coordinators and (iv) Leaders of Social Movements. From the results obtained, the importance of CEP fronts in the region was evident, above all, the importance of the Popular Course in the lives of the students served. With its innovative theoretical-methodological perspective based on the principles Liberating Education of Paulo Freire, the Popular Course had several positive results during its more than ten years working in the education of young people and adults in this municipality. The importance of Popular Education in the municipality of Altamira, in a context of social vulnerability, had an incisive participation in the daily lives of the individuals involved in the movement, making it clear that the Popular Course was not only responsible for the approval of a large part of the poorest students in the city in public universities and private, but it also had an impact on teaching citizenship and politics to the working class in the municipality.

**Keywords:** Popular Education. Working class. Movements Social. House of Popular Education. Altamira-Pará.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da Rosa Mística.....	30
Figura 2 – Imagem dos documentos oficiais do CIBB.....	31
Figura 3 – Exemplar original da Cartilha do Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica.....	33
Figura 4 – Povos indígenas do Xingu reagem à construção de usinas hidrelétricas na região do Rio Xingu.....	34
Figura 5 – Localização do município de Altamira no estado do Pará e sua microrregião.....	39
Figura 6 – Marcha dos 100 mil.....	45
Figura 7 - Símbolo da pastoral das juventudes.....	46
Figura 8 - Registro de um círculo de cultura que funcionava em um bairro periférico da cidade chamado Baixão do Tufi/Boa Esperança, Altamira-PA.....	51
Figura 9 - Registro de um Círculo de Cultura da turma de alfabetização de jovens e adultos no bairro Paixão de Cristo.....	52
Figura 10 – Cerimônia de formatura da primeira turma da EJA Popular da Casa de Educação Popular em 2015.....	53
Figura 11 – Imagens ilustrando alguns Círculos de Cultura da Casa de Educação Popular.....	53
Figura 12 – Sala de aula da Casa de Educação Popular.....	54
Figura 13 – Aulas e ações da Casa de Educação Popular.....	55
Figura 14 - Cartaz de divulgação do Cursinho Popular com alguns alunos egressos aprovados em cursos de graduação da UFPA.....	58
Figura 15 - Educandos e educandas realizando um simulado para o ENEM.....	60
Figura 16 - Imagens dos Saraus Populares.....	61
Figura 17 - Imagem de algumas aulas passeio.....	61
Figura 18 - Imagem das rodas de conversas.....	62
Figura 19 – Registro fotográfico das Aulas Públicas.....	63
Figura 20 - Imagem das Reuniões Pedagógicas.....	63
Figura 21 – Registro de uma das “Aulas Corujões”.....	64
Figura 22 – Cartaz de divulgação e registro de um dos Arraiais Populares da CEP....	64
Figura 23 – Registros do Primeiro Encontro Estadual de Educadoras do Populares da ACEP.....	65

Figura 24 – Equipe de fundadores segurando a bandeira com a logomarca da Casa de Educação Popular de Altamira, Pará.....	66
Figura 25 – Organograma da matriz do Movimento da CEP Altamira-PA.....	72
Figura 26 – Registros de algumas divulgações da campanha “#4GparaEstudar” .....	75
Figura 27 – Registros de algumas Lives disponibilizadas pelo canal da CEP no YouTube.....	77
Figura 28 – Campanha de arrecadação e distribuição de cestas básicas realizada pela Casa de Educação Popular durante a pandemia da COVID-19.....	80
Figura 29 – Companheiro de luta social Jason Silva que faleceu de COVID-19.....	81
Figura 30 – Misael pronto para ir às aulas do Cursinho Popular, ao lado sua mãe com outras mães do movimento Mães do Xingu.....	91

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACEP	Associação Comunitária Casa de Educação Popular
ASEDT	Associação de Educadores da Transamazônica
CEAAL	Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CEE	Conselho Estadual de Educação
CEP	Casa de Educação Popular
CFR	Casa Familiar Rural
CIBB	Centro Infantil Bairro Brasília
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CP	Consulta Popular
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DNEPE	Direção Nacional de Estradas para Escoamento
EACH	Escola de Artes, Ciências e Humanidades
EDUCAFRO	Educação e Cidadania para Jovens Afrodescendentes e Carentes
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FEPIPA	Federação dos Povos Indígenas do Pará
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPF	Instituto Paulo Freire
IPS	Índice de Progresso Social
MAB	Movimento de Atingidos por Barragens
MEC	Ministério da Educação
MMCC	Movimento de Mulheres Campo e Cidade
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEP	Núcleo de Educação Popular
OMS	Organização Mundial da Saúde
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PDRSX	Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PJ	Pastoral da Juventude
PJR	Pastoral da Juventude Rural
PNAS	Plano Nacional de Assistência Social
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-SP	Universidade Católica de São Paulo
SECADI	Secretaria de Educação Especial.
SINTEPP	Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UHBM	Usina Hidrelétrica de Belo Monte
UNEAFRO BRASIL	União de Núcleos de Base para Negros e Classe trabalhadora
URE	Unidade Regional de Educação
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Um pouco da historia de lutas na emancipação da América Latina.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 A Pedagogia de Paulo Freire e a Educação Popular.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3 Casa de Educação Popular .....</b>	<b>28</b>
<b>2.4 Processo Histórico de Lutas e Resistência pela Educação Popular em Altamira-PA.....</b>	<b>30</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>40</b>
<b>3.1 Local de Estudo.....</b>	<b>40</b>
<b>3.2 Abordagem Metodológica .....</b>	<b>41</b>
<b>3.3 Instrumentos metodológicos para a coleta de dados.....</b>	<b>42</b>
<b>3.4 Sujeitos da Pesquisa.....</b>	<b>43</b>
<b>3.5 Cuidados Éticos .....</b>	<b>43</b>
<b>4 CASA DE EDUCAÇÃO POPULAR E SEUS IMPACTOS PARA A CLASSE TRABALHADORA.....</b>	<b>45</b>
<b>4.1 Embrião da Casa de Educação Popular – O Cursinho Popular .....</b>	<b>47</b>
<b>4.2 Processo Educativo e a Perspectiva Teórico-Metodológica da Casa de Educação Popular de Altamira-PA .....</b>	<b>67</b>
<b>4.2.1 Turmas de Cursinho Pré-vestibular – CP .....</b>	<b>69</b>
<b>4.2.2 Turmas de Supletivo – EJA (Educação de Jovens e Adultos).....</b>	<b>70</b>
<b>4.2.3 Alfabetização de Jovens e Adultos – Círculos de Cultura .....</b>	<b>71</b>
<b>4.3 Impactos do Processo Educativo Desenvolvido na Casa de Educação Popular para a Classe Trabalhadora Participante do Movimento.....</b>	<b>74</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de abordarmos o tema da pesquisa, pensamos ser relevante contextualizar os cenários do passado e presente que levaram esse mestrando a se debruçar sobre Educação Popular a partir de uma importante experiência educacional de Altamira, no estado do Pará.

Venho de uma família humilde de imigrantes nordestinos que deixaram o estado do Piauí na década de 1970, rumo a São Paulo, em busca de melhorias de vida, como milhares fizeram nesse período. Passei por várias dificuldades durante a minha infância, nascendo e morando até aos quartos anos em barraco de madeira na Favela da Baronesa, situada no município de Osasco, São Paulo.

Mesmo depois de deixar os barracos, a periferia sempre foi meu lugar de vida. Isso, certamente, se refletiu na vida escolar e acadêmica, pois minha família não tinha condições financeiras para arcar com os custos de materiais escolares. Lembrome de ter como substituto à mochila uma grande sacola de edredom, em que meu único caderno e lápis se perdiam. Em dias de chuvas, o traslado até a escola era ainda mais dificultoso, muitas vezes fui impedido de adentrar à sala de aula por estar coberto de barro vermelho (lama) que se acumulava pelas ruas e becos até a unidade escolar que frequentava.

Aos sete anos de idade, meus pais se separaram e a missão de minha mãe se tornou mais difícil, um fardo pesado, pois teve que sustentar dois filhos sem emprego, sem escolaridade e sem apoio de ninguém. A maneira que ela encontrou para sobreviver junto aos seus filhos foi apelar para ajuda de alguns familiares que residiam na região nordeste do país. Desde então, passamos por um “rodízio” de moradas, quando minha mãe estava trabalhando, os filhos estavam perto dela em São Paulo, quando não, ficávamos com uma tia e avós no Piauí.

Todo esse cenário impactou diretamente no meu processo de formação escolar, pois poucas vezes consegui terminar o ano letivo em uma mesma escola, seja em São Paulo ou no Piauí. Nessas idas e vindas, em meio a turbulentas situações, há duas lembranças que marcaram a minha vida no âmbito do ensino, as duas em escolas de São Paulo.

A primeira ocorreu em 1989, quando a escola na qual estudava recebeu a visita do então secretário de educação da capital paulista, Paulo Freire, que já era um dos intelectuais mais reconhecidos do mundo, mas para nós crianças era um velhinho

de barba branca num período próximo ao Natal, o qual nos deu a ideia de o chamarmos de Papai Noel enquanto ele estivesse na escola.

Apesar da pouca idade (9 anos), uma coisa me chamou a atenção naquele dia: a escola estava diferente. Professores/as, merendeiras e todo o corpo escolar estavam eufóricos/as com a ida desse senhor; havia uma atmosfera mística que jamais contemplei em outra escola ou universidade.

Nesse período, me chamava a atenção, também, as reclamações de minha mãe que, trabalhando como operária em uma fábrica, fazia de tudo para acompanhar as reuniões semanais na escola, o que a fez até perder emprego. Mais tarde eu compreenderia que essas reuniões eram a tentativa pedagógica de integrar comunidade e a escola num processo de transformação social proposta pelo “Papai Noel”.

Um outro momento marcante, que contrasta totalmente com o relatado anteriormente, se deu em outra escola de São Paulo, quando num discurso do diretor em que todos nós, crianças humildes, filhos e filhas de trabalhadores/as e desempregados/as, ouvimos que não seríamos “nada na vida”, que não teríamos capacidade de jamais cursar o ensino superior, que se bem avançássemos, seria apenas para um ensino médio defasado, que para o governo só contavam os números.

Esse indivíduo foi além e disse que havíamos nascidos para servir a pessoas iguais a ele, nada mais do que isso. Esse fato, ainda que indiretamente, me influenciou a desistir de estudar. Lembro-me que isso foi na sexta série, e alguns meses após completar os meus dezesseis anos, abandonei a escola sem pretensão de voltar.

Como já estávamos mais estabelecidos em São Paulo, pois a minha mãe havia se casado novamente, e ao menos um simples lar tínhamos, passei a ser tentado como todo jovem de periferia a buscar o lado “mais fácil da vida”. Afinal, para quê estudar se meus amigos tinham roupas de marcas, carros e motos boas sem pisar em escolas? Enfim, tudo que precisavam, simplesmente fazendo o que a lei proíbe e o que a periferia, desprovida de políticas públicas, oferece.

E vaguei dos 16 aos 21 anos de idade, sem trabalho, dando passos mais largos e mais perigosos rumo à “vida fácil”. O despertar veio aos 21 anos de idade, depois de uma situação já esperada e que sempre acontece para quem opta pela estrada errada, a morte de dois amigos e prisão de outros. Isso me fez ter que deixar

São Paulo por um tempo.

E nesse espaço de tempo, no reduto ao qual eu sempre voltava, tendo uma primeira relação amorosa séria, resolvi que me aventuraria novamente nas escolas em busca de dias melhores e longe da criminalidade que, por pouco, não arruinou a minha vida.

Depois de seis anos fora das salas de aula, retornei na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), matriculando-me na sexta série até concluir o ensino médio. Foram dois anos e meio até, finalmente, terminar o ensino médio. Nesse período, eu já trabalhava, mas não sonhava em cursar uma universidade, pois com o ensino precário que tive ao longo de minha trajetória escolar dificultava passar no vestibular para uma universidade pública e, sem ter condições de pagar uma faculdade privada, essa opção não se fazia presente naquele momento.

Contudo, tudo começou a mudar, quando tive uma oportunidade de mudança por meio de um cursinho popular para afrodescendentes e pessoas carentes que estava ofertando bolsas de estudos. Eu e mais dois amigos nos matriculamos e começamos a estudar. Era o cursinho comunitário denominado de Rede Educação e Cidadania para Jovens Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO).

Nesse cursinho pré-vestibular popular pagávamos um valor irrisório, somente para as passagens dos professores e para nosso lanche e almoço, pois o cursinho funcionava aos sábados (o dia inteiro) e aos domingos até o meio dia. Minha história de amor pela Educação Popular e emancipação social começa nesse período, pois ali havia aprendido que não podia me conformar com a vida que haviam escrito para mim, eu tinha o poder da mudança em minhas próprias mãos.

Durante dois meses participando das aulas, vários conceitos que eu havia aprendido sobre a vida tinham mudado na minha cabeça. Temáticas como o racismo, o machismo, as intolerâncias religiosas, entre outros, me envolviam tanto que comecei a militar na causa antirracista. Cito aqui um trecho de um texto que escrevi para um livro, falando da importância dos cursinhos comunitários e populares na vida das juventudes periféricas:

Na periferia é gritante a diferença que fazem os núcleos. Quantos e quantos jovens não foram tirados ou impedidos de entrar no mundo do crime pela educação? Quando o núcleo se insere na realidade dessa juventude, a sua perspectiva de mundo muda. O olhar para o futuro tem outra dimensão e tudo ganha proporções diferentes (PAULA, 2021, p. 55).

E foi exatamente isso que aconteceu comigo, uma transformação profunda de valores e escolhas. Dentro de um ano eu me encontrava na coordenação nacional do movimento social em prol dos cursinhos populares. Naquele período (2006), constituía-se como a maior rede de cursinhos populares/comunitários do Brasil, com cerca de 305 núcleos em 6 estados e convênios com 3 países, além de mais de 30 universidades filiadas.

Eu havia me encontrado na luta de classe, antirracista por meio da educação popular, e dali em diante nunca mais seria o mesmo. Como referido no livro do Apóstolo João, capítulo 8, versículo 32: “E conhecereis a verdade, e ela vos libertará” (BÍBLIA SAGRADA, VERSÃO NVI, CAPÍTULO 8:32).

Deixei de ser um jovem sem perspectiva e sem esperança, como infelizmente é a realidade de milhões de brasileiros, e passei a ser um defensor dos direitos humanos em todas as suas dimensões, assim como um militante assíduo das causas sociais. Logo estava na coordenação nacional da juventude da Via Campesina (campo e cidade), conhecendo a realidade do Brasil afora, nos lugares mais longínquos, até nas periferias da América do Sul e Central.

Ingressei no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), e me vi realizando um sonho que antes parecia impossível, cursar Filosofia em uma das maiores universidades do Brasil, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em paralelo a isso, também havia conquistado uma bolsa de estudo no curso de Direito na bem-conceituada Universidade Católica de São Paulo - Universidade São Francisco.

Foram dez anos de muita militância e aprendizados ímpares. Reconheci-me e inspirei-me em Paulo Freire e, por meio de suas obras, fui forjado a ser um novo homem. Em 2009, por divergências de visão política passamos a construir um outro instrumento de luta ao qual denominamos UNEafro Brasil. Iniciamos com 27 núcleos de base, em 27 municípios de São Paulo e dois no Rio de Janeiro, com o apoio inclusive da nossa mártir Marielle Franco. Nesse período, fui partícipe da construção das políticas públicas para as juventudes, compondo o Observatório das Juventudes Brasileira.

Em 2011, com a partida de minha mãe, fiquei em um estado crítico de depressão que me obrigou a abandonar tudo e tentar recomeçar a vida no estado do Pará. Chegando em Altamira, região sudeste do Pará, tentei trabalhar em diversos ramos, ingressei também no curso de Geografia na Universidade Federal do Pará

(UFPA). Mas pulsava em mim a revolta contra as injustiças, e logo que procurado por lutadores e lutadoras daquela região, resolvi retornar à militância. Naquele momento, não era uma opção, mas uma questão essencial. Dessa forma, retomo ao versículo bíblico (João 8:32), o qual define o sentimento que rege a minha luta pelos direitos educacionais.

Foi nesse período que começamos uma nova história da educação libertadora no município de Altamira, a qual passaremos a contar nessa dissertação. Vale ressaltar também meus passos para o ingresso na pós-graduação. Logo que terminei o Curso de Geografia no campus da UFPA, de Altamira, finalizando, portanto, a terceira graduação, surgiu o sonho de cursar um mestrado. Sem muita experiência em projetos de pesquisa para programas de pós-graduação, submeti um projeto em que eu queria exatamente contar a minha história na Amazônia, por meio da atuação na Casa de Educação Popular, os 6 ou 7 anos intensos de militância e lutas seja via o cursinho popular, seja via os movimentos sociais que eu assessorava e contribuía na prática.

Passei nas primeiras fases da seleção ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, mas, na entrevista, a banca avaliadora entendeu que o meu projeto estava mais voltado para a sociologia e a história dos movimentos sociais do que propriamente para a área geográfica que o programa exigia, e, por isso, não logrei aprovação. Este fato me frustrou muito, porque eu queria contar essa história, não só pelo prisma de uma única ciência (a Geografia), mas abrangendo outros campos.

Fiquei desanimado por alguns meses. Como de praxe em minha vida, enfrentei o desânimo e segui a caminhada. Algum tempo depois, eis que me encontro com um amigo que já havia feito o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e me falou muito bem sobre o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), tendo sido orientado pela Profa. Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira, e que havia estudado com o professor Dr. João Colares da Mota Neto.

Esse amigo em comum é o professor Dr. Nonato Cândia, que hoje é professor do Programa de Formação Docente em Práticas Educativas na Universidade Federal do Tocantins. Aqui deixo meus agradecimentos ao professor Nonato por me apresentar a educadores/as tão valiosos/as como os da UEPA e por me incentivar a apresentar meu projeto onde, segundo ele, havia possibilidade de abertura temática às linhas de pesquisa do PPGED.

Coincidentemente, nesse período, estava aberta uma chamada para movimentos e organizações sociais que discutiam educação popular para participação de um Curso de Formação de Educadoras e Educadores Populares, realizado em meados de 2019, na Universidade do Estado do Pará. Mesmo estando em Altamira, a quase mil quilômetros de Belém, desejei muito que a organização popular de que eu fazia e faço parte, a Casa de Educação Popular (CEP), pudesse participar desse curso que, com certeza, traria grande acúmulo para o trabalho que já desenvolvíamos em várias partes do estado, tendo como sede principal o município de Altamira.

Logo entrei em contato com o professor Dr. João Colares, coordenador do curso, que de pronto atendeu-me, solicitando que preenchêssemos os requisitos exigidos na chamada. Foi o que fizemos e, para nossa felicidade, fomos uma das entidades contempladas para participar da formação. Na CEP entendemos que era importante a nossa participação, mesmo tendo à frente obstáculos, como distância e escassez de recursos. Mas encaramos e me propus a ir todos os finais de semana do curso para Belém.

Saía na sexta-feira pela manhã de ônibus, enfrentando de 20 a 22 horas de estrada, chegava no sábado à hora do curso e depois, no mesmo dia, fazia o caminho de volta, chegando em Altamira no domingo. Vale ressaltar que além da atuação nas diversas frentes da Casa de Educação Popular, que serão explicadas adiante, ainda ministrava aula em escola formal.

Dos sete ou oito encontros do curso de formação, participei de quatro, os que não compareci foi por acometimento de doença e também chegou a fase de não ter dinheiro para o transporte. No entanto, quero ressaltar a importância do curso, tanto no seu processo epistemológico como pedagógico, de interação com outras práticas e experiências da educação popular pelo Pará.

Peço perdão por não lembrar todos os nomes dos organizadores, mas parabeno toda a equipe do NEP, seus bolsistas, mestrandos, doutorandos, os professores do PPGED, como a professora Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira, o professor Dr. João Colares da Mota Neto e o Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa. Foi um curso muito bem pensado, planejado e construído coletivamente com outras instituições de ensino e, principalmente, com os movimentos sociais. Como menciona Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*: “Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (FREIRE, 1996, p. 50).

Entre os meses de setembro a outubro de 2019 abriu o edital para o processo seletivo de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA. Logo comecei a pesquisar sobre o programa, metodologia, proposta científica, currículo e sobre as áreas de atuação dos/as professores/as, descobrindo que o PPGED era um dos programas em educação mais concorridos do norte do país, chegando a ter, no ano de 2018, mais de 1.300 inscritos para quase 30 vagas.

Confesso que isso me assustou, pois não havia passado num processo seletivo menos concorrido na UFPA, então, como poderia me colocar como um potencial candidato a esse programa tão concorrido? Mas havia uma diferença crucial, pois, no PPGED eu queria adentrar na pesquisa sobre a paixão pela educação popular, pela vontade de gritar ao mundo que a educação libertadora transforma vidas como fez com a minha, e que a Casa de Educação Popular era uma experiência que deveria ser conhecida, difundida e aperfeiçoada.

Diante deste sonho de fazer um mestrado em educação, muitos professores, como o professor Dr. Salomão Hage (UFPA), professora Dra. Eldra Carvalho (UFOPA), professor Dr. Nonato Cândia (UFT), entre tantos/as outros/as, me incentivaram a apresentar este projeto e a concorrer a uma vaga. Seguindo os ensinamentos de nosso mestre Paulo Freire, fui atrás com a esperança do verbo *esperançar*<sup>1</sup>.

Escolhi o professor Dr. João Colares como orientador pelo seu histórico na atuação da educação popular, por participar dos movimentos latino-americanos, como o Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe (CEAAL), por poder me vincular à Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia, rede que discute, centralmente, a temática que eu precisava e preciso aprofundar-me, pois ainda reproduzimos uma lógica eurocêntrica de mundo, desconsiderando as nossas identidades e lógicas próprias de pensamento.

Nesse sentido, em sua tese de doutorado intitulada “Educação Popular e Pensamento Decolonial Latino-Americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda”, o

---

<sup>1</sup>Em sua obra *Pedagogia da Esperança* (1992), Paulo Freire citou que “*É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo*”.

professor Dr. João Colares nos ajuda a rever alguns conceitos e revisitar a história não só da educação popular na América Latina, mas também as lutas dos povos originários e tradicionais da Amazônia (MOTA NETO, 2015).

Apresentei o projeto e fui passando nas fases da seleção. Em meio a mais de 700 concorrentes, consegui a sonhada vaga de mestrando na 16ª turma do PPGED. Particularmente, sonho que um dia todos tenham condições de frequentar cursos de graduação e pós-graduação sem ter dificuldades de passar por processos seletivos, e sei que esse é o pensamento da UEPA e todo a sua comunidade acadêmica.

Infelizmente, tivemos apenas duas semanas de aula, pois em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu como pandemia da COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*) um surto de infecções mundiais pelo novo coronavírus (*SARS-CoV-2*). Quando estávamos nos adaptando na interação com a turma e os professores, houve a suspensão das aulas presenciais devido as recomendações de isolamento e distanciamento social.

Ainda assim, mantivemos contato por meio de grupos nas redes sociais, pois ficamos oito meses sem aulas, o que muito nos prejudicou, pois quando retomamos, em 2021, na modalidade virtual, nenhuma disciplina havia sido concluída e tivemos que, literalmente, correr contra o tempo fazendo as disciplinas em tempos recordes, atrapalhando, com certeza, o processo de aprendizagem.

Nesse ensejo, aproveito para agradecer aos leitores e às leitoras, por iniciar a leitura desta dissertação com a minha história pessoal, mas entendi que seria importante mostrar e contar um pouco do que me motivou a chegar até aqui, pois minha história de vida se confunde com a temática abordada nesta pesquisa, a Educação Popular.

Diante da realidade exposta, torna-se essencial entender como se desenvolve o processo educativo do Cursinho Popular na Casa de Educação Popular, município de Altamira-PA, e como essa iniciativa impacta a vida da classe trabalhadora atendida. Assim, nos próximos capítulos nos debruçaremos a discorrer sobre esta temática a fim de responder esta questão.

O **problema** que norteou essa investigação foi: como se desenvolve o processo educativo da Casa de Educação Popular de Altamira-Pa, particularmente o Cursinho Popular, e quais os seus impactos para a classe trabalhadora envolvida com o projeto?

Neste sentido, o **objetivo geral** da pesquisa foi o de analisar o processo educativo popular desenvolvido pela Casa de Educação Popular do município de Altamira-PA, em uma das três frentes de atuação, em particular o Cursinho Popular, e os seus impactos para a classe trabalhadora do município.

Quanto aos **objetivos específicos**, elegemos os seguintes:

- Descrever o processo educativo e a perspectiva teórico-metodológica utilizada na Casa de Educação Popular;
- Caracterizar as atividades educativas desenvolvidas na Casa de Educação Popular, dando ênfase ao Cursinho Popular;
- Verificar os impactos do processo educativo desenvolvido no Cursinho Popular para a classe trabalhadora.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Um pouco da história de lutas na emancipação da América Latina

O autor e escritor peruano José Carlos Mariátegui é considerado revolucionário para o entendimento sobre os processos de lutas na América Latina. Seu trabalho teve grande impacto nos movimentos sociais, influenciando o debate da identidade política e ação revolucionária dos povos originários da América Latina (LÖWY, 2016).

Para Löwy (2016), Mariátegui foi o mais importante incentivador do marxismo latino-americano. Nascido no Sul do Peru, Moquegua, em 1894, teve influência direta do pensamento crítico latino-americano de José Martí e González Prada, mestres que abriram caminho para “uma nova geração americana”.

Em sua obra “Sete ensaios de interpretação da realidade peruana”, publicada em 1928, Mariátegui não se limita apenas ao estudo do desenvolvimento das estruturas econômicas, busca compreender também os processos de mobilização dos oprimidos, com forte destaque para as manifestações indígenas que se espalhavam pelo Peru, e o surgimento da convicção militante, convidando os explorados a se organizarem coletivamente (CHACON, 2020).

O que Mariátegui traz com uma base do materialismo histórico dialético, pautado na epistemologia marxista e contrapondo o pensamento ocidental, mostra que mesmo a partir de Marx, a moldura social e analítica pode ser mudada, transformada, ou seja, a “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS, 1848, p. 1).

Para Mariátegui, não só uma classe operária, oprimida pelo capitalismo, mas também, além da Europa, existiam oprimidos e opressores que demarcavam um outro tipo de exploração aos povos originários, camponeses, homens e mulheres feitos escravos. Como se refere no ensaio “O processo de instrução pública” (MARIATEGUI, 1928. p. 119):

Quando a mais dura opressão econômica pesa sobre os ombros de uma classe produtora, a que se soma o desprezo e o ódio de que é vítima como raça, basta uma compreensão simples e clara da situação, para que essa massa se levante como um homem e jogue fora todas as formas de exploração (MARIATEGUI, 1928, p. 121).

O modo único de Mariátegui observar e descrever o mundo sob uma óptica crítica a respeito das classes e suas lutas contra a opressão do sistema capitalista se tornou relevante a partir da década de 1960. Assim, a história da sociologia latino-americana tem em Mariátegui seu expoente e grande influenciador (RUBBO, 2018).

No Brasil, no entanto, as reflexões acerca da sociologia marxista tiveram pouca influência do ensaio mariateguiano, essa ausência se deve a dois motivos principais, o primeiro deles se refere à distância entre os ensaios de Mariátegui do método científico acadêmico, um exemplo disso é o fato de os cientistas sociais do afamado *d'O capital* da Universidade de São Paulo (USP) nunca terem mencionado Mariátegui. O segundo diz respeito à afinidade do marxismo de Mariátegui com a cultura andina de seu país (RUBBO, 2018).

A sociologia política de Mariátegui, no entanto, nos ajuda a compreender as lutas dos povos tradicionais da América Latina e da Amazônia, constituindo-se como referencial teórico desta dissertação.

## **2.2 A Pedagogia de Paulo Freire e a Educação Popular**

A pedagogia de Paulo Freire inspirou a busca por alternativas populares de educação que viessem contrapor o modelo hegemônico da educação capitalista em todo o mundo. Em países como Bolívia, Chile, Estados Unidos, Suíça, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, e por tantos outros lugares onde o educador passou, deixou um rastro de esperança e de amor para com os oprimidos e acorrentados, uma mensagem de glória aos “esfarrapados” do mundo.

O pensamento de Paulo Freire foi recriado e praticado por todos aqueles e todas aquelas que se apropriaram de suas ideias emancipatórias. É importante observar, por exemplo, que o continente europeu, que apresenta a melhor taxa de desenvolvimento humano do mundo, está procurando no Brasil a solução para a exclusão social.

Populações de refugiados, moradores de rua e imigrantes em busca de trabalho formaram uma classe social à margem dos altos padrões europeus e países como Itália e Finlândia, e mesmo fora do continente, como Estados Unidos e Japão, vêm encontrando na pedagogia freireana o mecanismo mais eficiente de incluir com justiça esse novo público.

Vem de Paulo Freire a inspiração usada por italianos, espanhóis,

finlandeses, alemães, americanos e japoneses, para lidar com seus excluídos. Atualmente, inúmeros países possuem núcleos de estudos, cátedras ou institutos que trabalham sob a égide da Pedagogia Libertadora, desenvolvida por Freire (COSTA, 2013).

Para atender a demanda, o Instituto Paulo Freire criou um departamento que cuida exatamente da expansão do pensamento do pedagogo pelo mundo. O Instituto Paulo Freire (IPF) surgiu a partir de uma ideia do próprio educador no dia 12 de abril de 1991. Freire ansiava reunir pessoas, instituições, movimentos sociais que compartilhava os mesmos sonhos de uma educação humanizadora e transformadora. O IPF seria o espaço onde houvesse a oportunidade de aprofundar suas reflexões, melhorar suas práticas e fortalecer a luta pela construção de um “outro mundo possível” (IPF, 2022).

A missão do IPF é “educar para transformar”, dando continuidade e reinventando o legado freireano na promoção de uma educação emancipadora, combatendo todas as formas de injustiças, de discriminação, de violência, de preconceito, de exclusão e de degradação das comunidades de vida, com vistas a transformação social e ao fortalecimento da democracia participativa, da ética e da garantia de direitos (IPF, 2022).

Podemos dizer que a Educação Popular é reflexo da luta incansável desse ser humano humilde que via no outro, sua semelhança, que a todos a quem enxergava compartilhava a esperança e a busca incessante de uma vida melhor aos oprimidos, enfim, liberto dos seus opressores. Além de Freire, foi de fundamental importância a contribuição de outros estudiosos na área da Educação Popular, principalmente, na América Latina.

As experiências educativas que fomentaram o debate acerca da educação na perspectiva dialética e propositiva às causas populares, e suas bases teórico-metodológicas para os movimentos sociais, tiveram dentre seus expoentes: Torres (1992), Brandão (1980, 1982), La Belle (1986), além de Pinto (1976), Gadotti (1980, 1981, 1990), Borda (1978), Gajardo (1985), Huidobro (1982) e Jara (2013).

Morrow e Torres (1997), em artigo em que abordam a influência de Gramsci na educação popular na América latina, citam Arnove (1986), La Belle (1986) e Torres (1990), para afirmarem que o paradigma da Educação Popular na América Latina teve um impacto muito significativo, não só no domínio da educação de adultos, mas também no ensino público. Gajardo (1985, p. 23), aponta-nos alguns dos princípios

## fundamentais da Educação Popular na América Latina:

- (1) Tem uma intencionalidade explicitamente política e social (lógica), que trabalha em prol dos pobres e das classes socialmente dominadas das sociedades da América Latina;
- (2) Tenta combinar a investigação educacional com os processos educativos e com os processos de participação popular; tentando, deste modo, incorporar no mesmo processo político-pedagógicos ambos os educadores como aprendizes e os alunos como educadores (isto é, o discurso Freireano de professores como alunos e alunos como professores, Freire, 1970);
- (3) O entendimento do conhecimento tanto como conhecimento popular ou conhecimento do senso comum e como conhecimento elitista, como um instrumento de transformação social, criticando, assim, qualquer tentativa para separar a teoria da prática, ou para dividir o conhecimento como sabedoria popular e como pensamento instruído (científico); o que se tenta nesta abordagem é uma interação dialética (isto é, mutuamente benéfica) entre estes dois tipos de conhecimento humano resultantes das experiências sociais e culturais inicialmente opostas, ou nos termos de Bourdieu, de diferentes experiências de habitat/habitus (GAJARDO, 1985, p. 23).

Além destes, o autor também aponta:

- (4) Assume a necessidade de ter, no início de qualquer prática educativa, uma visão da totalidade concreta, questionado, portanto, tanto o grau de especialidade que distancia um entendimento integral das práticas sociais e simbólicas, como a tentativa para transmitir a instrução basicamente para melhorar o funcionamento de um dado sistema social, sem questionar os fundamentos epistemológicos, sociais e políticos de tal sistema – por exemplo, a hermenêutica da suspeição.
- (5) Como resultado, as práticas da educação popular tentam desenvolver não só a consciência crítica da população envolvida (por exemplo, a conscientização de Freire), mas também alternativas concretas para a organização (política, social e até econômica) e mobilização (participação) dos pobres na superação das condições da sua própria pobreza e impotência;
- (6) Finalmente, a educação popular tem-se desenvolvido em relação às práticas educativas dos movimentos sociais na América Latina, que lutam para articular a educação aos cuidados de saúde, às exigências de ter uma casa, à posse de terra e coisas semelhantes, nas periferias das cidades ou em zonas rurais da América Latina. Uma característica sociológica da educação popular, contudo, como Marcela Gajardo convincentemente argumentou, é que a ênfase da educação popular e a participação em projetos de investigação-ação transformaram-se ao longo dos anos; do trabalho com os camponeses e com os pobres nas zonas rurais, para o desenvolvimento de projetos nas zonas urbanas, particularmente nas periferias das grandes áreas urbanas (favelas) onde os níveis de pobreza, devido ao desemprego desenfreado e à crescente imigração dos trabalhadores rurais para as cidades, são os mais elevados (GAJARDO, 1985, p. 23).

Portanto, esses elementos demonstram o real papel da Educação Popular em ação no Brasil e na América Latina. Tais fundamentos teóricos se tornaram pilares para análise dos dados a serem obtidos nesta pesquisa. Dessa forma, faremos aqui uma apresentação sumária e inicial do objeto de estudo deste trabalho, a Casa de Educação Popular de Altamira, Pará.

### 2.3 Casa de Educação Popular

Para compreendermos a origem da Casa de Educação Popular, seus alicerces e motivações, torna-se necessário entender que a mesma não é fruto apenas da sensibilização e caridade de quem se preocupava com a formação intelectual de seu povo, mas sim de um contexto de vulnerabilidade social vivenciada no município de Altamira. Segundo o Plano Nacional de Assistência Social (PNAS), o indivíduo vulnerável é representado por:

Famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias e alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social (PNAS, 2004, p. 33).

A CEP é resultado de um processo que já vinha sendo construído há décadas por meio de movimentos sociais, mas que, em 2013, viu sua construção tomar vários contornos com a mudança radical do “espaço”, pois Altamira foi a principal cidade impactada pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHBM).

De acordo com Miranda-Neto e Herrera (2017), a cidade passou por diferentes períodos de crescimento populacional, muitos dos quais ligados às políticas de colonização dirigidas pelo Governo Federal, que teve como principal consequência o êxodo rural. Contudo, o crescimento atual difere dos anteriores, pois se conforma a partir de fatores novos, especialmente, articulados ao processo de novas instalações urbanas para habitação e uso coletivo, públicas e privadas, que alteram o desenho da cidade, sua paisagem e estrutura urbana.

Segundo o doutor Evandro Mateus Moretto, professor vinculado à Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP), um dos grandes problemas que a UHBM trouxe foi a superlotação. Ele conta que a população de Altamira praticamente dobrou num período de dois anos, saltando de 90 mil habitantes para 170 mil. Esse inchaço populacional acabou acarretando em diversos problemas sociais, com grande demanda para as áreas de educação, saúde,

habitação e saneamento básico<sup>2</sup>.

Levando em consideração esse contexto, fazemos jus à realização dessa pesquisa, no tocante ao fato de a Educação Popular ser uma importante via de acesso à educação por parte da população desse município, pois com a alta demanda pelos serviços de educação formal, tanto pública quanto privada, impossibilitou que todos os moradores conseguissem acessar a sala de aula pelos meios convencionais.

Dessa forma, este estudo se propõe dialogar com a temática Educação Popular, enfatizando seu papel transformador e descrevendo sua importância para emancipação social de inúmeros estudantes que estão à margem da sociedade. Os fundamentos da educação libertadora, imortalizados na obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (1987), estão presentes nas ações da Casa de Educação Popular, vinculados às convicções embasadas na possibilidade de construção de uma nova sociedade e, na prática cotidiana de luta dos/as trabalhadores/as para a ruptura das estruturas de exploração da sociedade capitalista, permitindo a construção de valores humanistas profundos.

A CEP trabalha com o lema: “o ato de educar é na verdade o ato de recriar de ressignificar o que dantes já era significado” (FREIRE, 1987, p. 29). A partir dessa concepção de educação, o foco é libertar através do movimento dialético e gerador da educação, o sujeito que antes estava preso às amarras que o impedia de compreender a sua realidade e entender a sua conjuntura.

Assim, a Educação Popular na ótica da CEP se constitui como um alicerce para o acesso da classe trabalhadora à educação em meio a um contexto de fragilidades das políticas públicas. Ainda que esta iniciativa esteja longe de representar equidade educacional a nível de Brasil (pelo contrário, sua necessidade e importância representa a confirmação das desigualdades educacionais existentes entre as regiões brasileiras), torna-se essencial estudá-la a fim de destacar seu papel social transformador da realidade local.

---

<sup>2</sup>Entrevista concedida ao Jornal da USP, sob o título: *Hidrelétrica de Belo Monte faz população de Altamira dobrar em dois anos: superpopulação acarreta problemas de infraestrutura devido à alta demanda nas áreas da saúde e educação.*

## **2.4 Processo Histórico de Lutas e Resistência pela Educação Popular em Altamira-PA**

Aqui iniciaremos uma análise sobre a educação em Altamira a partir do recorte temporal da década de 1970, ouviremos personagens que foram importantes nessa luta e os contextos de luta pela emancipação da região, a dura batalha contra Belo Monte que perdurou por décadas. Segundo a professora Dra. Maria Ivonete Coutinho (2022), já era precária a educação no município o que veio a se agravar na década de 1970 com a abertura da Rodovia Transamazônica (BR-230). Milhares de trabalhadores de todas as regiões brasileiras vieram atraídos pela construção daquela que seria uma das principais rodovias do estado.

No entanto, como todo grande projeto no Brasil vem acompanhado de mais prejuízos do que benefícios para as populações locais, com o projeto da Transamazônica não foi diferente. A professora conta que a construção desse grande empreendimento levou ao crescimento de diversos problemas sociais, como aumento da violência, prostituição e ocupações urbanas desordenadas.

A falta de acesso aos serviços essenciais como educação, saúde e renda fez os filhos dessas famílias virarem jovens sem ocupação, crescendo sem nenhuma assistência, seja psicológica, educacional, saúde, esporte e lazer. Foi a partir da década de 1980 que a Igreja Prelazia do Xingu, detentora de grandes áreas de terras, começou a doar terrenos para as famílias mais carentes. Assim, surgiram dois bairros, Paixão de Cristo e Aparecida.

O Plano Nacional de Educação da Prelazia do Xingu entra em cena para atender os “órfãos do desenvolvimento”. Segundo o professor José Adelson, em 1987, entra em pauta a questão da educação para as crianças carentes e abandonadas. Cria-se um espaço coordenado pelas irmãs “Adoradoras de Cristo” chamado “Rosa Mística” (Figura 1).

Figura 1 – Imagem da Rosa Mística.



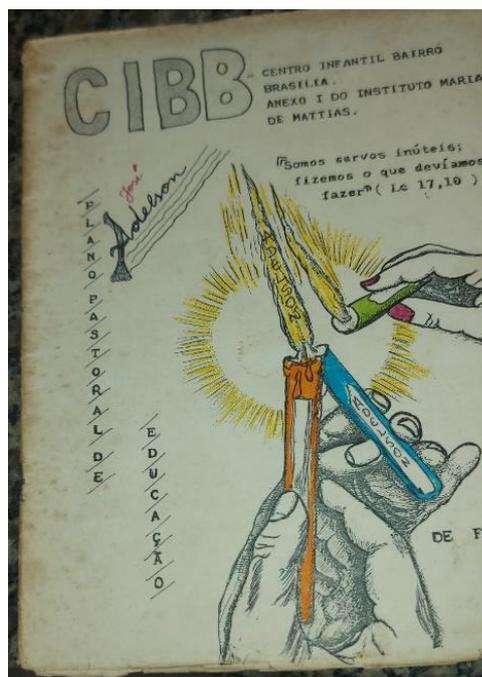
Fonte: Acervo de José Adelson (2019).

Podemos afirmar que o primeiro ato de educação voltado para os pobres em Altamira foi esse pequeno espaço que acolhia as crianças desamparadas não só de Altamira, mas também da região do garimpo. Nesse período, existia (ainda existe) uma escola em Altamira que era voltada para a elite, era a escola da igreja chamada Instituto Maria de Mathias, coordenada pela Prelazia do Xingu, na figura do padre Frederico.

Quando a escolinha Rosa Mística não dava mais conta de atender a demanda, cria-se, então, em 1986, o Centro Infantil Bairro Brasília (CIBB), que seria um anexo do Instituto Maria de Mathias (Figura 2). De acordo com o professor José Adélson, foi um tempo difícil, pois eles percorriam todas as “casas dos baixões” com televisão e fitas cassetes nas costas para mostrar a realidade e as consequências dos grandes projetos, incluindo o caso de Belo Monte.

Conforme a professora Dra. Ivonete Coutinho, em 1984, professores vindos das formações de base eclesiais, resolvem fundar um movimento que atenderia 5 municípios da Transamazônica, capetaneado pelo professor Cristovão. A Pastoral da Educação lança uma cartilha chamada “Pé no Chão”. Relatos feitos ao pesquisador revelam que o objetivo dessa cartilha era orientar a alfabetização de educadores nos interiores de 4 municípios da Transamazônica, são eles: Altamira, Uruará, Brasil Novo e Medicilândia, criando, assim, a Associação de Educadores da Transamazônica (ASEDT, 1986).

Figura 2 – Imagem dos documentos oficiais do CIBB.



Fonte: Acervo de José Adelson (2019).

Esses professores da associação ainda não tinham ensino superior, apenas o ensino médio, mas nos interiores em que eles atuavam, a situação era ainda pior, relata a professora Dra. Ivonete Coutinho, pois os professores eram escolhidos pelas comunidades, e sem a formação adequada, até a palavra casa era ensinada com a letra z. Assim, foi muito importante o trabalho de alfabetização desses profissionais realizada pelas formações das Comunidades Eclesiais de Base (CEB). Essa luta fez nascer a Pedagogia da Alternância, que mais tarde seria a base das Casas Familiares Rurais. A primeira foi no município de Medicilândia em 1997.

Enquanto isso, em Altamira, o CIBB lançava sua primeira cartilha com diretrizes e bases educacionais. A Pastoral da Educação promovia grandes “Assembleias do Povo” para que delas tirassem uma cartilha regional de educação. Segundo o professor José Adelson, a cartilha “Pés no Chão” era a que a associação de professores trabalhava nos interiores dos municípios.

Dessas cartilhas nasceram também o Plano de Alfabetização de Jovens e Adultos, que teve a contribuição dos Irmãos Lassalistas. O debate começa a girar em torno do método de educação que seria aplicado. Segundo o Professor Adelson, apesar de uma ala mais conservadora da igreja tentar impor uma educação mais tradicional, o método de Paulo Freire foi adotado pela Prelazia do Xingu, entrando

também em cena o debate político, eleições e formações de conselhos de direitos.

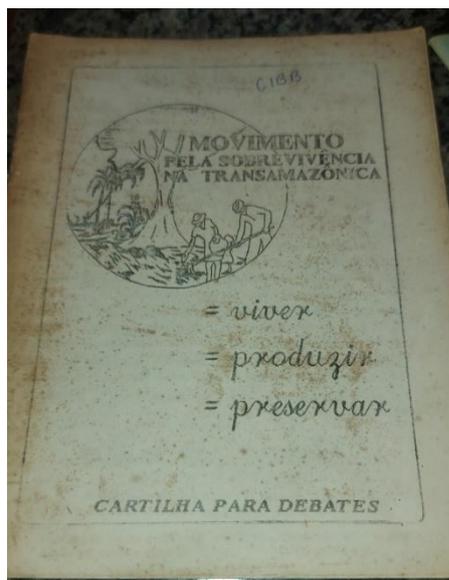
Nesse período, começa a se intensificar a luta contra o projeto Kararaô, e a irmã Dorothy Stang entra em cena trazendo protagonistas importantes para aglutinar na luta, como a Caritas, Segundo Adelson, a irmã Dorothy cria as revendas comunitárias para contribuir com a renda e a luta dos agricultores, e cria-se um movimento chamado Cracoques, onde os agricultores, professores organizados no Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará (SINTEPP), militantes vão ao primeiro encontro do Movimento dos Atingidos por Barragens em Brasília e, posteriormente, em São Paulo.

Essas resoluções foram de extrema importância, todos os alunos do CIBB passariam a estudar (quando na idade certa) no Instituto Maria de Mathias, a principal referência educacional da região. Em 1989, o professor Adelson passa a compor o quadro de professores do CIBB e logo não demora para se tornar o coordenador e ficar por anos à frente da instituição.

O professor Adelson menciona que o critério para ingressar ao CIBB era a vulnerabilidade social, entre os milhares de cadastros feitos, eram escolhidos aqueles mais pobres e necessitados, e o professor já tinha a experiência, já conhecia as famílias, pois todos os finais de semana ele saía nos baixões com a televisão e a fita cassete para mostrar o que viria a ser Belo Monte. Para o professor Adelson, o CIBB, assim como o Instituto Maria de Mathias, trouxe bons frutos, Médicos, Advogados, Pedagogos, Engenheiros, e muitos outros profissionais foram fruto desse trabalho que podemos chamar de pioneiro da educação para os pobres e oprimidos da Transamazônica.

Surge, então, na década de 1987, o Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica que tinha como lema: “Viver; Produzir; Preservar!” (Figura 3). O Centro Infantil Bairro Brasília lança uma cartilha de debate que procuraremos reproduzir aqui alguns trechos para exemplificar a luta desse movimento em defesa da região. Segundo a própria cartilha esse movimento regional, articulado com as propostas da Central Única dos Trabalhadores (CUT) surge da “necessidade de unificar as lutas da região para somar forças e sensibilizar os governantes a retomar o projeto de colonização” (CARTILHA MOVIMENTO PELA SOBREVIVÊNCIA DA TRANSAMAZÔNICA, p. 2).

Figura 3 – Exemplar original da Cartilha do Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica.



Fonte: Acervo de José Adelson (2019).

A cartilha na sua apresentação ainda menciona que os trabalhos, a ação política, as diretrizes, são elaboradas por uma coordenação regional, representada por setores mais organizados como Sindicatos, Associações e Movimentos Populares, sendo que o movimento estava aberto para organizações comprometidas com a luta.

O movimento passa a trabalhar com setores progressistas da igreja católica em 1989, realizando atos públicos e debates com a participação ampla da sociedade nos municípios da região. Segundo a cartilha, em 25 de agosto de 1990 aconteceu um grande debate em Altamira com a participação do povo e representantes municipais, estaduais e federais dos setores do governo e dos trabalhadores, onde foram expostas as propostas dos trabalhadores. Desse encontro encaminharam-se audiências públicas com algumas prefeituras que assinaram compromissos para a execução de algumas obras.

Os ganhos, segundo as cartilhas, foram: Projeto agroambiental (plântio consorciado) beneficiando os sócios da cooperativa de Medicilândia; 60 milhões destinados à Direção Nacional de Estradas para Escoamento (DNEPE) para a recuperação de pontes da Transamazônica; 350 milhões do governo do Pará para a recuperação e construção do trecho pavimentação Vitória/Altamira (CARTILHA MOVIMENTO PELA SOBREVIVÊNCIA DA TRANSAMAZÔNICA, p. 6).

Para o movimento, a avaliação foi positiva, pois eles conseguiram tirar a

Amazônia do “isolamento” e o movimento alcançou em parte projeção nacional sobre a situação que viviam.

No final dos anos 80, nasce o Movimento pelo Desenvolvimento da Transamazônica e Xingu, pela iniciativa de produtores familiares rurais, professores, estudantes, organizações de mulheres pastorais religiosas. O movimento pretendia chamar a atenção dos governos para o “isolamento” da região. Segundo o movimento: “hoje somos 113 organizações e continuamos lutando por um desenvolvimento que amplie as oportunidades econômicas sem destruir as florestas, as águas e condições de reprodução de vidas” (S.O.S XINGU, 1997, p. 7).

A Eletronorte recomeçou os trabalhos para construir projeto de barragens no Rio Xingu, começando com Belo Monte, esse plano teve seu início em 1975, tendo os primeiros estudos concluídos em m 1980. Na época, foi feito um inventário de todo o potencial hidrelétrico do Rio Xingu, tendo sido projetadas 5 usinas: Kararaô, Babaquara, Jarina, Ipixuna e Kokraimoro (S.O.S Xingu, 1997, p. 4).

Em 1980, a Eletronorte intensificou os estudos sobre o complexo hidrelétrico de Altamira, que previa a construção de duas barragens: Babaquara Kararaô. As duas juntas inundariam mais de 8 mil km<sup>2</sup>. Em 1988, os movimentos sociais e os indígenas da região impediram a construção dessas barragens. A indígena Tuíra desafiou o presidente da Eletronorte com um facão (Figura 4).

Figura 4 – Povos indígenas do Xingu reagem à construção de usinas hidrelétricas na região do Rio Xingu.



Fonte: Museu de imagens Karonte (1989).

Trouxemos aqui um breve relato de como se deu o processo de construção do complexo hidrelétrico de Belo Monte e a resistência dos povos indígenas, quilombolas e movimentos sociais locais. Em 2011, o projeto saiu do papel e a CEP

como escola-movimento se juntou aos movimentos sociais num processo de resistência a esse grande empreendimento. Ouviremos agora lideranças, que por vezes estavam juntas, mas que depois do projeto aprovado e a pedra fundamental lançada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2011, no estádio municipal de Altamira, se separam e as coisas mudaram. Belo Monte não era mais uma promessa, agora era uma realidade.

Após a vinda de Lula, ocorreu uma divisão entre os movimentos, muitos começaram a acusar seus pares de defender a obra por esta ser inaugurada por um partido de esquerda. As mais de 130 organizações participantes do movimento começaram a se acusar entre si de aceitar a obra apenas porque vinha do Partido dos Trabalhadores (PT), e o os movimentos ligados ao PT negando a aceitação.

Lembro-me que quando o Lula esteve aqui para lançar a pedra inaugural, inúmeros movimentos sociais marcharam rumo ao estádio municipal de Altamira para dizer “Não ao Belo Monte”, fomos proibidos de entrar no estádio, mas alguns de nós conseguiram ainda protestar, o que fez o então presidente que iria até a Belo Monte, desistir e fazer um discurso com não mais de 15 minutos, irritado voltou à Brasília.

O Cursinho Popular começou a fazer articulações nacionais e internacionais para fortalecer a resistência à construção da barragem. Trouxemos o Movimento de Atingidos por Barragens (MAB), o seu coordenador na época Moisés Ribeiro, conta um pouco da história da chegada do movimento à Altamira:

*Moisés: A chegada oficialmente do MAB em Altamira foi em setembro de 2009. Antes disso, o movimento já contava com alguns militantes que participavam de atividades de formação, principalmente, em Marabá e que depois passaram a fazer a militância em Altamira. O objetivo principal do MAB era a organização das famílias que inevitavelmente seriam atingidos pela obra da barragem, tanto na zona rural quanto urbana e, em seguida, a resistência contra a construção e, posteriormente, a luta por direitos dessas famílias.*

Quando indagado sobre o contexto em que o MAB chega em Altamira, assim responde Moisés:

*Moisés: O Movimento chega exatamente no contexto de pré-construção da barragem de Belo Monte quando o governo federal (do PT) havia decidido que a obra seria construída, mesmo com toda a oposição de movimentos sociais, Ongs, igreja e especialistas de várias universidades. A chegada em 2009 se dá exatamente para que o movimento tivesse condições de construir as primeiras articulações necessárias para a sua organização local com as várias organizações já existentes na região (Igreja, Xingu Vivo, FVPP, Consulta Popular, PT etc. Já no ano seguinte, em 2010, o governo através da ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica) realiza o leilão da obra e o*

*consórcio chamado Norte Energia ganha a licitação para a construção da obra.*

Moisés também discorre sobre o processo de luta durante a construção de Belo Monte, as articulações com lideranças de movimentos sociais urbanos e rurais e o trabalho de organização de base.

*Moisés: O processo inicial se dá primeiro pelas construções das articulações locais com lideranças e comunidades ribeirinhas/rurais e urbanas para que o movimento se apresente e apresente também seus objetivos na região. Nesse sentido, o trabalho de organização das famílias se dá primeiro na zona rural e ribeirinha com a tomada de consciência das pessoas para que elas compreendessem toda a complexidade envolvida com uma obra desse porte. O movimento ajuda então as pessoas a se entenderem como sujeitos de direitos até a construção de uma consciência crítica mínima que permitisse organizar alguma resistência contra a obra. Depois desse processo inicial, já em 2010, no período da realização do leilão, realizamos o primeiro ato de resistência que foi a ocupação/trancamento da BR-230 (Transamazônica) no trecho chamado Ladeira da Velha (não lembro qual é o km lá). O ato foi realizado principalmente pelos moradores do Travessão do KM 45, ou Cobra Cocha, além da comunidade ribeirinha chamada Arroz Cru, além de lideranças da cidade.*

O MAB lutou em várias frentes, realizando acampamentos, marchas, realizando estudos e debates, além de articulações políticas locais, regionais e nacionais. É o que nos diz Moisés, a seguir:

*Moisés: Além da ocupação da BR o MAB fez várias ações como acampamentos, marchas, debates, além das articulações políticas, principalmente a nível federal, com o intuito de barrar a construção da barragem. Todas essas articulações foram fundamentais para que, mesmo não conseguindo parar a obra, o movimento conseguisse garantir o mínimo de direitos dos atingidos. O MAB se construiu em Altamira e região numa relação de estreita parceria com as várias organizações da sociedade civil, desde a igreja católica a Ongs, partidos e movimentos.*

Aqui na fala do Moisés podemos identificar a pedagogia dos movimentos sociais de Paulo Freire. A importância que esses sujeitos coletivizados têm na transformação da realidade do povo brasileiro. Moisés deixa explícito que é preciso marchar. Isso nos remete ao que Freire afirma:

*A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem tetos, dos sem escola, dos sem hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível (apud STRECK, 2009, p. 166).*

Agora, abriremos espaço para Antônia Pereira Martins, uma das grandes referências de lutas da Região Xingu e Transamazônica, uma personagem importante

que não se limita a uma só frente de luta, ela está na defesa da criança do adolescente, na luta das mulheres, na luta contra Belo Monte, na luta contra a violência.

Toinha, como carinhosamente gosta de ser chamada, começa a sua fala dizendo: “*Não se vende, não se rende*”. Continua:

*Antônia: Sou filha de retirantes nordestinos, pois saímos do Ceará rumo ao Tocantins, em 1975, vivenciamos eu meu pai e meus 5 irmãos a tensão da guerrilha do Araguaia e em 1979 viemos para o Pará, para o município de Brasil Novo, atrás de terra, pela colonização espontânea, pois o que se propagava era que havia terra sobrando. Aos 9 anos, ingressei na CEBES que já fazia uma formação baseada na metodologia de Paulo Freire sob influência da parte progressista da igreja católica.*

Sobre a educação, Toinha teve participação direta nas pedagogias da alternância nos anos o que veio a culminar com a Casa Familiar Rural (CFR).

*Antônia: Em 1989 começa a organização dos sindicatos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Em 1989 é fundado o de Altamira no auge dos encontros dos povos do Xingu que lutavam contra Kararaô, a direita e a extrema direita também deu seu recado com duas grandes passeatas União dos Produtores Rurais (UDR).*

Toinha relata sua relação com a irmã Dorothy Stang, covardemente assassinada em 12 de fevereiro 2005, no município de Anapu:

*Antônia: Eu e a Dorothy e mais um grupo de mulheres nos organizamos para resistir, pois essa região sempre foi um espaço de disputa de poder, e nós resolvemos resistir principalmente por via da formação e educação.*

Durante esse acirramento de confrontos e disputas, Altamira ainda foi palco de outra tragédia que ganhou as manchetes nacionais, o caso dos meninos emasculados. Entre os anos 1980 e 1990, crianças foram mutiladas e mortas brutalmente em Altamira, os acusados de cometer esses crimes eram pessoas ricas e poderosas da região. Então, o movimento de mulheres articulado por Toinha teve papel importante na pressão por justiça às famílias das vítimas:

*Antônia: E nós mulheres tomamos a frente mesmo sofre forte pressão e ameaças para que esses crimes não passassem em branco. Em 1991, fundamos o movimento de mulheres inspiradas pela irmã Dorothy no movimento de mulheres trabalhadoras de Anapu.*

O Movimento de Mulheres Campo e Cidade (MMCC), atuava também na

defesa da criança e do adolescente, o movimento não tinha uma única bandeira, conta Toinha:

*Antônia: Lutamos contra Kararaô por 30 anos, e o rompimento com muitas organizações se deu na vinda do Lula para anunciar a construção da hidrelétrica. Mas Flávio, nós fomos muito injustiçados porque em nenhum momento ninguém do PT nacional veio conversar conosco sobre como seria o projeto. Aqui faço o adendo, é como se Belo Monte tivesse sido jogado de “goela abaixo” a todos, inclusive ao próprio partido PT da região. Nós participamos da formação de várias organizações no decorrer das décadas, participamos e construímos o Plano de Sobrevivência da Transamazônica no ano de 1990, da Fundação Viver, Produzir e Preservar, em 2008. Enfim, fomos muito atacados, mas quero deixar bem claro, nunca houve um movimento social a favor de Belo Monte, com o racha, houve a luta de ambos os lados, mas com estratégias diferentes. Nós exigimos do governo mitigações dignas para os atingidos e isso em parte se concretizou com a construção dos Reassentamentos Urbanos (RCs) com a criação do PDRSX em 2011, e hoje, continuamos a lutar contra toda e qualquer injustiça que aconteça na nossa cidade.*

A fala da Toinha mostra uma liderança que foi forjada em conflitos árduos em um dos piores momentos da história da Amazônia, muitas pessoas morreram nesse período, apenas por defender a Amazônia da ganância do capital. Lembramos muito da irmã Dorothy e do sindicalista Ademir Federicci, sindicalista campestre assassinado em 25 de março de 2001, no município de Altamira, e muitos outros e outras que foram silenciados nessa luta. O próprio Bispo da prelazia do Xingu Dom Erwin Glauser sofreu um atentado, com morte de um padre que o acompanhava.

O Cursinho Popular nasceu direcionado também para esta proposta crítica, transformadora no âmbito educacional, a radicalidade amorosa que transforma, que faz do sujeito sua história, estava presente desde sua criação em 2013. Por não conseguir mais abarcar todas as demandas, não só as educacionais, mas também as sociais, traz esse perfil de movimento social, de luta que tinha como bandeira a Educação Libertadora, estando presente em todos os processos de lutas em Altamira e contra todo e qualquer tipo de opressão e injustiças contra as camadas oprimidas de nossa sociedade.

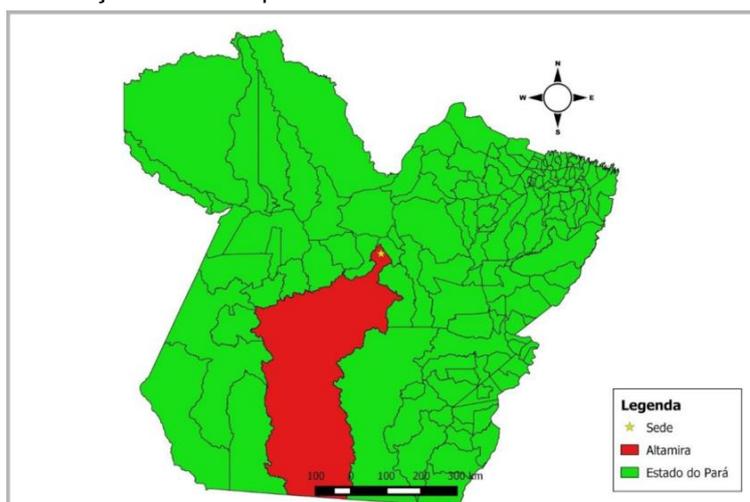
Paulo Freire enxerga a educação como um ato libertador acreditando que cada sujeito pode ser transformador da sua história e do mundo, na luta contra a opressão e dominação, usando a educação como um dos meios pra isso (FREIRE, 1986, p. 15). Para Freire a educação tem a capacidade de operar e transformar o mundo por meio da conscientização e compreensão da realidade concreta. Trazendo uma educação libertadora, totalmente oposta à educação de dominação e opressão (FREIRE, 1996).

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Local de Estudo

O município de Altamira está localizado no oeste do estado do Pará, na microrregião de Altamira (Latitude de 03° 12'S e Longitude 51° S 12'W, altura 74, 0 m), distante 512 km em linha reta da capital do Estado, Belém (Figura 5) (PDU, 2010). Altamira possui uma população de 99.075 pessoas, em 2010, e uma estimativa de crescimento populacional de 117.320 indivíduos até o ano de 2021, de acordo como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo considerado o 12º estado com maior população do estado e o maior município em extensão territorial do mundo, com 160.775 km<sup>2</sup> (IBGE, 2021; PDU, 2010).

Figura 5 – Localização do município de Altamira no estado do Pará e sua microrregião.



Fonte: Relatório do Plano Diretor do município de Altamira-PA (PDU, 2010).

Em 2019, o salário médio mensal da população deste município era de 2.3 salários-mínimos (valor do salário-mínimo era de R\$ 998,00, em 2019). A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 16.1%. Em relação à educação, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 93,1%, sendo que os anos iniciais e finais do ensino fundamental na rede pública apresentava o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), igual a 5.7 e 4,8, respectivamente. Em 2020, o município dispunha de 134 escolas de ensino fundamental e 12 escolas de ensino médio (IBGE, 2021).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) era de 0,665 e o

PIB per capita, ou seja, o Produto Interno Bruto por pessoa, era de 24.250,13. A renda da população se caracteriza pela produção de culturas nacionais destinadas ao mercado internacional como arroz, milho, feijão e mandioca que assumiram importância na revitalização dos fluxos de comercialização intra-regional, possibilitando uma melhora no abastecimento, mesmo que precária, das áreas urbanas locais e regionais (IBGE, 2021; PDU, 2010).

A economia local na região teve sua origem na agricultura ribeirinha, aproveitando as áreas de margem dos rios e no extrativismo (borracha, castanha e caça). Atualmente, a pecuária é a atividade econômica que mais cresce, representando a maior geração de excedentes na região. O extrativismo vegetal também representa uma importante atividade regional, de caráter cultural e de subsistência, com coleta de recursos como fibras, madeiras, frutos, ervas, que compõe todo um saber regional e mantém uma relação do homem com o meio ambiente (PDU, 2010).

Segundo a Federação dos Povos Indígenas do Pará (FEPIPA), os povos originários que ainda resistem em Altamira encontram-se distribuídos pelo Médio Xingu, possuindo 14 territórios, 9 povos (Juruna, Parakanã do Xingu, Kuruaya, Xipaya, Xikrin do Bacajá, Arawete, Assurini do Koatinemo, Kayapó Kararaô e Arara) e 3.500 pessoas (FEPIPA, 2020).

A região é alvo de diversos problemas socioambientais, como o desmatamento e invasão de territórios indígenas. Os municípios líderes no *ranking* do desmatamento na região são Altamira e São Félix do Xingu, ambos paraenses, tendo registrado o Índice de Progresso Social (IPS) de 52,95 e 52,94, respectivamente, os quais estão abaixo das médias da Amazônia Legal e do Brasil (IMAZON, 2021).

No que diz respeito à violência, Altamira foi considerada a cidade mais violenta do Brasil entre os municípios com mais de 100 mil habitantes. Os índices de homicídios neste município aumentaram consideravelmente após a implantação da UHBM. Em 2019, o Atlas da Violência, mostrou Altamira como o segundo município com mais homicídios e mortes violentas sem causas determinadas (IPEA, 2019).

### **3.2 Abordagem Metodológica**

Traçamos um percurso metodológico por meio de uma abordagem qualitativa, descritiva e de campo, do tipo Estudo de Caso. De acordo com André

(1984, p. 51), o estudo de caso é definido como “uma investigação sistemática com enfoque numa instância específica”. Para Gil (2002, p. 54), um estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Na pesquisa de campo, o pesquisador assume um papel essencial na coleta de dados (CICOUREL, 1980). Segundo Rodrigues, Oliveira e Santos (2021, p. 160), a pesquisa de campo consiste de um método de pesquisa em que o pesquisador “vai a campo para encontro com o meio, os objetos e os sujeitos a serem pesquisados em busca de respostas e de construir conhecimento”.

Utilizamos a abordagem qualitativa por se tratar de uma pesquisa que engloba aspectos subjetivos e fenômenos sociais complexos, adentrando inclusive no comportamento humano. A abordagem qualitativa possibilita o entendimento e detecção dos impactos da educação popular na vida dos participantes da CEP em Altamira-PA.

### **3.3 Instrumentos metodológicos para a coleta de dados**

O primeiro instrumento metodológico para a efetivação da presente pesquisa diz respeito à pesquisa documental, com a finalidade de compreender a concepção da Educação Popular e sua efetivação pela CEP em Altamira-PA. Por meio da pesquisa documental foi possível compreender a dinâmica das ações sociais realizadas junto às comunidades vulneráveis, por meio das frentes de atuação da CEP, sempre partindo da realidade social desses sujeitos, suas aspirações e necessidades.

A análise documental ocorreu por meio de acesso aos arquivos da CEP, com prévia autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos seus Coordenadores Pedagógicos. Em seguida, optou-se pela pesquisa de campo, na qual o pesquisador realizou a observação participante do contexto em que ocorrem as ações didático-pedagógicas da CEP em Altamira, Pará. Concomitantemente, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas aos sujeitos da presente pesquisa.

As entrevistas foram aplicadas entre junho a agosto de 2021, sendo gravadas com auxílio de um *Smartphone* e, posteriormente, transcritas com auxílio do

*Microsoft Word* 2019. Assim, obtivemos as falas dos partícipes da Casa de Educação Popular, que relataram sobre o processo de implantação do curso e os principais acontecimentos que marcaram os últimos anos da atuação da CEP no município de Altamira, Pará.

### **3.4 Sujeitos da Pesquisa**

As entrevistas foram realizadas durante os meses de junho a agosto de 2021. Foram feitas quinze (15) entrevistas com os seguintes sujeitos: (i) Ex-educandos/as da CEP; (ii) Professores; (iii) Coordenadores Pedagógicos e (iv) Líderes de Movimentos Sociais da região.

(i) Ex-alunos da CEP: trata-se de um grupo de cinco (05) estudantes com faixa etária de 18 a 29 anos, moradores de bairros periféricos do município de Altamira, Pará.

(ii) Professores: grupo formado por dois (02) sujeitos, sendo graduado em Física pela Universidade do Estado do Pará e a outra em Letras pela Universidade Federal do Pará (campus universitário de Altamira, Pará), que lecionavam voluntariamente na CEP.

(iii) Coordenadores Pedagógicos: grupo formado por quatro (04) profissionais.

(iv) Líderes de Movimentos Sociais: consiste de um grupo formado por quatro (04) líderes de movimentos com uma vasta experiência na luta social.

### **3.5 Cuidados Éticos**

Essa pesquisa está amparada pelos Preceitos Éticos da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a qual, entre seus princípios, destaca que a Ética em pesquisa, implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

Assim, o presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus XII, Belém-PA. Tendo recebido previamente o aceite institucional da Associação Casa de Educação Popular.

Os sujeitos envolvidos nesse estudo foram esclarecidos a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como sobre a aplicação dos instrumentos de coletas de dados, por meio da leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

#### 4 CASA DE EDUCAÇÃO POPULAR E SEUS IMPACTOS PARA A CLASSE TRABALHADORA

A educação consiste no principal mecanismo para a cidadania de um povo. Como se refere Severino (2000, p. 65): “Ela [a educação] é entendida como mediação básica da vida social de todas as comunidades humanas”. Entretanto, muitos países enfrentam dificuldades na efetivação desse direito fundamental.

O Brasil é um país com um dos piores desempenhos nas avaliações educacionais nacionais e internacionais, isso nos permite inferir que grande parte da sua população não tem acesso à educação de qualidade, e muitos nem possui acesso à escolarização (BRASIL, 2018; OCDE, 2018).

A educação da classe trabalhadora do nosso país reflete as más condições de vida dessa população. Conforme argumentam Rummert, Algebaile e Ventura (2013, p. 723), no Brasil, ocorre um crescente debate a respeito da democratização do acesso à educação, com pouca ênfase na qualidade da educação ofertada aos estudantes, como explicitam os autores no trecho abaixo:

Na atual forma histórica de dualidade educacional, o elemento novo é constituído pelas ofertas educativas que propiciam possibilidades de acesso a diferentes níveis de certificação, falsamente apresentados como portadores de qualidade social igual a das certificações às quais têm acesso as burguesias. Obscurece-se assim, cada vez mais, o fato de que não há, efetivamente, ações destinadas à elevação igualitária do nível educacional da classe trabalhadora em sua totalidade (RUMMERT; ALGEBAILLE; VENTURA, 2013, p. 723).

Nesse sentido, em grande parte, a qualidade educacional brasileira está estritamente relacionada ao fator socioeconômico. O nível econômico da população continua sendo um importante definidor do acesso às políticas educacionais e do desempenho dos estudantes brasileiros nas maiores avaliações, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, tradução de *Programme for International Student Assessment* (PISA) (OCDE, 2018).

De acordo com os resultados do PISA, em 2018, 17% dos estudantes brasileiros estavam matriculados em escolas com desvantagens socioeconômicas, e apenas 8% frequentavam escolas com boas condições de ensino. Em Leitura, o desempenho de alunos em vantagem socioeconômica superou em 97 pontos o desempenho de estudantes em desvantagem socioeconômica. Os resultados mostraram ainda que 1 em cada 10 estudantes em desvantagem socioeconômica não

acredita que concluirá o ensino superior (OCDE, 2018).

Essa infeliz realidade da educação brasileira nos faz refletir a respeito dos sistemas formativos a que somos submetidos durante o nosso desenvolvimento. Segundo Lima *et al.* (2019), a educação centrada nas escolas surgiu como produto do capitalismo. A necessidade da formação de mão de obra com conhecimentos e habilidades específicas para atuar nos sistemas produtivos foi a força motriz para a criação das escolas.

Assim, percebemos que a educação formal desde a sua origem não estava voltada à formação de intelectos humanos, seres críticos e atuantes, mas se constituiu como uma alternativa para alavancar a indústria e enriquecer aqueles que dominavam a economia. Para Rummert, Algebaile e Ventura (2013, p. 720), a educação desempenha a tarefa de “controle social do capital imperialismo subalterno”, por meio das “políticas de gotejamento” para enfrentamento da questão social.

Nesse cenário, o aprendizado passa a ser sistematizado como forma histórica de organização e controle da vida social. Segundo Rummert, Algebaile e Ventura (2013), Marx e Gramsci surgem para contrapor a perspectiva de educação submissa ao capital, não se restringindo às relações econômicas, mas entendendo a educação como uma parte do todo, englobando também os aspectos da vida e da formação humana.

Entendemos, aqui, que as fragilidades das “políticas de gotejamento” afetam sobremaneira a forma como se dá a educação de uma população. Romper esse pensamento configura um ato de resistência, sobretudo, quando isso ocorre em contextos de vulnerabilidades sociais, como é o caso da Casa de Educação Popular em Altamira, estado do Pará.

O caso de Altamira configura-se como um exemplo prático das teorias já mencionadas neste texto. Assim, podemos afirmar que os diferentes espaços sociais, além dos escolares, suportam o surgimento de modos de ensino concorrentes à perspectiva de formação para força do trabalho, mas com foco na emancipação intelectual do indivíduo.

Diante disso, apresentamos nos tópicos seguintes o processo histórico para o surgimento da Casa de Educação Popular em Altamira, Pará, como se deu a construção da perspectiva teórico-metodológica e como as atividades educativas desenvolvidas na Casa de Educação Popular impactaram na vida da classe trabalhadora.

#### 4.1 Embrião da Casa de Educação Popular – O Cursinho Popular

A Casa de Educação Popular e suas frentes de atuação nasceram no ano de 2013 em meio à construção da UHBM. Contudo, o seu embrião iniciou em 2009, idealizado por um grupo de jovens que na época compunha um instrumento político chamado Consulta Popular.

Quando fundada, em 1997, a Consulta Popular era uma organização política e movimento social de cunho socialista. Sua origem vem da famosa marcha dos 100 mil realizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (Figura 6), onde durante todo o percurso da marcha, os milhares de militantes iam parando nas cidades para ouvir as maiores demandas da população trabalhadora para a posterior construção do “Projeto Popular para o Brasil”.

Figura 6 – Marcha dos 100 mil.



Fonte: Coleção Movimento Sem Terra (2012)

Na imagem acima pode-se observar a Marcha dos 100 mil promovida pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, em 1997, retomamos novamente à Freire, para mencionar sobre a importância dos Movimentos sociais e suas pautas engajadas com as necessidades do povo. Em sua entrevista à TV PUC, Paulo Freire reafirma a necessidade da mobilização social:

Eu estou absolutamente feliz por estar vivo ainda e por ter acompanhando essa marcha que, como outras marchas históricas revelam o ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo, essa marcha dos chamados Sem-Terra. Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas... De marcha dos que não tem escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a

uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser. Eu acho que, afinal de contas, as marchas são andarihagens históricas pelo mundo e, os Sem-Terra, constituem para mim hoje, uma das expressões mais fortes da vida política e da vida cívica desse país. Por isso mesmo, é que se fala contra eles e até de gente que se pensou progressista, que fala contra os Sem-terra, como se fossem uns desabusados, como se fossem uns destruidores da ordem. Não, pelo contrário! O que eles estão, é mais uma vez provando certas afirmações teóricas de analistas políticos de que é preciso mesmo brigar para que se obtenha o mínimo de transformação [...] (FREIRE, 1997, entrevista cedida à Luciana Burlamaqui, TV PUC São Paulo).

Para José Fabio do Nascimento um dos principais dirigentes da CEP na região Xingu, a contribuição de organizações ligadas à igreja católica como a Pastoral da Juventude (PJ) e Pastoral da Juventude Rural (PJR) foram fundamentais na ideia da criação do cursinho que a princípio tinha como objetivo garantir o acesso dos militantes das organizações sociais às universidades (CNBB, 2022).

A Figura 7 apresenta o símbolo da Pastoral da Juventude.

Figura 7 - Símbolo da pastoral das juventudes.



Fonte: Pastoral da Juventude (2022).

Além da pastoral da juventude, outro grupo ligado à igreja católica, com movimento de jovens, também contribuiu com a primeira iniciativa do cursinho, esse instrumento foi a Pastoral da Juventude Rural. Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Pastoral da Juventude Rural, contribuiu na organização das juventudes camponesas no Brasil, estando ligada à Comissão Episcopal Pastoral para as Juventudes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2022).

A Pastoral da Juventude Rural é um movimento a serviço da juventude camponesa com o intuito de fazer do campo um lugar com condições dignas de sobrevivência. Tem como pauta as reivindicações para a melhoria de vida da

juventude rural, de caráter progressista, atuando junto com outros movimentos sociais do campo.

Esses jovens foram os primeiros atores a idealizarem o Cursinho Popular. Inicialmente, a pretensão desses militantes era formar integrantes das organizações sociais, pois o percentual dos que possuíam curso de ensino superior dentre os coletivos juvenis era muito baixo.

Então, em parceria com a paróquia da igreja Imaculada Conceição, localizada no bairro Brasília, município de Altamira, iniciava-se a experiência do cursinho em agosto de 2009. As aulas funcionavam aos sábados, tendo professores para as disciplinas de biologia, química, matemática, língua portuguesa e literatura.

O resultado superou as expectativas, sendo que de uma turma de 61 educandos, 44 deles foram aprovados no vestibular da UFPA. Isso mudou a perspectiva estratégica do Cursinho Popular. A Universidade Federal do Pará começou atuar de forma ainda semipresencial, ou seja, turmas intervalares a cada seis meses. Somente a partir 1993, com a chegada dos cursos regulares de Pedagogia, Letras, Ciências Naturais, Matemática e, posteriormente, o curso de Agronomia, a instituição acabou se fixando em Altamira.

A partir desse momento, estudantes de outras regiões do estado foram atraídos para estes cursos, ocupando a maioria das vagas disponíveis, enquanto que poucos estudantes oriundos do município de Altamira conseguiam entrar na universidade. Iniciava-se, então, a abertura de cursinhos particulares para que os estudantes pudessem ter acesso à preparação para o vestibular, uma vez que a educação pública deste município oferecia poucos subsídios para preparar o aluno para os processos seletivos do Ensino Superior.

Com a ascensão dos cursinhos particulares, as salas de aulas dos cursinhos ficavam divididas por estudantes de outras regiões ou autóctones que pudessem pagar uma boa preparação. Então, em 2009, o cursinho popular surge para também incluir os jovens militantes no contexto universitário. No primeiro ano de atuação, o cursinho popular alcançou um ótimo resultado com aprovações de seus alunos na universidade. O fundador e professor do cursinho popular, Rogério Januário, um dos primeiros professores voluntários que ajudou a construir esse processo, relata:

Pergunta: Em 2009, na igreja Imaculada Conceição da Brasília houve a fundação do cursinho popular, onde você fez parte da construção. Qual era a sua

função?

Rogério: *Nós que tivemos a ideia inicial do cursinho, a gente se dividia lá na função de dar suporte aos professores e também ver a questão das salas do local e das inscrições dos alunos, a gente fazia esse arcabouço de funções, corria para um lado para o outro, basicamente era isso, era na infraestrutura mesmo do cursinho, desde as conversas lá com os padres, porque o primeiro espaço aconteceu no espaço da igreja Imaculada Conceição, na parte interna da igreja, teve um momento no La Salle, teve o momento da UFPA. Houve um momento que eu também tive que quebrar uns galhos dando umas aulas de literatura, desde a literatura portuguesa até a literatura brasileira.*

Pergunta: Quais os maiores desafios enfrentados na sua opinião?

Rogério: *Um dos maiores desafios ali, era fazer a galera, alguns professores né, entenderem que ali era um serviço voluntário, você está dando uma parcela do seu tempo, seu tempo de folga para ensinar pessoas em determinadas áreas do conhecimento para ver se ajudava eles a serem aprovados nos vestibulares locais, um suporte básico para o Enem, principalmente, mas também com um tempo ele foi passando também a dar suporte também a concurso, inclusive teve gente nossa que passou no concurso da prefeitura, então o desafio era esse, pessoas que quisessem sem o mínimo de retorno financeiro, mas só o pessoal mesmo, e pessoas, e instituições que bancassem também a ideia dando a estrutura.*

Pergunta: Hoje, depois de 12 anos da fundação do cursinho, o que você enxerga de positivo, avalia que valeu a pena?

Rogério: *Esses 12 anos de cursinho, é positivo em todas as ideias, todos os lados, quando passamos a cobrar a contribuição, tinha a parte financeira de apoiar também as lutas, ele formava pessoas para a disputa do ENEM mas também politizava, formava as pessoas no campo político, no campo das ideias, então ele ajudou muito nessas questões, não só formar um produto para o sistema, mas um ser crítico que estava ali para ocupar os espaços das universidades, os espaços de concursos públicos, debatendo as ideias mesmos, isso melhora a situação do município, melhorar a situação das pessoas, eu inclusive sou prova disso, fui aprovado no concurso público da prefeitura de Altamira e passei em 3 vestibulares naquela época.*

Podemos destacar alguns aspectos importantes nesta entrevista com o Rogério. Quando ele menciona que a “intenção não era formar um produto para o sistema”, ele nos traz a base de solidificação metodológica pautada nos princípios de Paulo Freire, principalmente, quando nos remetemos à educação bancária, tão combatida por esse educador.

Um segundo destaque que fazemos é quando o entrevistado diz que aprendeu muito ao ensinar, tanto que traz o exemplo de que naquele período, ter passado em três universidades e um concurso público. Mais uma vez detectamos a pedagogia freireana na fala de Rogério, pois segundo Freire (1987, p. 23): “quem

ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”.

Outro personagem que fez parte da construção da Casa de Educação Popular foi o professor Fabio Barros.

Pergunta: Fale sobre a Casa de Educação Popular em Altamira:

*P1: A casa de educação popular é uma organização de caráter popular, com viés freireano pautada na Educação Popular. Ao longo de sua história em Altamira, ela ajudou inúmeros educandos a ingressar na universidade, contribuiu no processo para erradicação do analfabetismo e na formação política de diversas organizações populares.*

Pergunta: Fale sobre o histórico e o contexto da Casa de Educação Popular:

*P1: Em 2009, jovens estudantes universitários, organizados na pastoral da juventude e na pastoral da juventude rural da igreja católica, decidiram organizar um cursinho popular pré-vestibular, para ajudar os demais jovens das pastorais a ingressar na universidade pública. No primeiro ano do projeto, a experiência superou as expectativas, ajudando na aprovação de 70% da turma, incluindo jovens moradores da zona rural. A experiência empolgou os envolvidos, que optaram por ampliar e profissionalizar o projeto. No contexto regional, iniciava-se fortes especulações sobre a construção do complexo hidrelétrico de Belo Monte. Essas especulações inflacionaram o mercado imobiliário, levando a uma série de ocupações de áreas urbanas para a construção de residências. Vários movimentos e organizações populares, incluindo a pastoral da juventude e a comissão pastoral da terra (CPT), decidiram acompanhar as ocupações e a luta pela terra. No processo de acompanhamento, os jovens da coordenação do cursinho popular, diagnosticaram a grande carência educacional e de formação política dos ocupantes. Com o intuito de auxiliar na organização dos ocupantes, os jovens decidiram que poderiam contribuir com alfabetização e formação política. Mais tarde em uma das reuniões ordinárias da coordenação do cursinho popular, trocando experiência sobre alfabetização e formação política, os jovens diagnosticaram a proximidade de sua experiência com as propostas de Paulo Freire. Sentindo a necessidade de profissionalizar ainda mais o projeto, eles decidiram criar uma associação mantenedora, para uma organização de viés freireano, no método da educação popular, a qual chamamos de Casa de Educação Popular*

Pergunta: Quais os objetivos e finalidades da Casa de Educação Popular?

*P1: Ajudar a democratizar o ensino superior através do ingresso da classe trabalhadora na universidade pública; ajudar a erradicar o analfabetismo por meio da construção dos círculos de cultura (proposta freireana); promover a formação política para as organizações populares; e promover o debate sobre a importância de uma educação popular libertadora.*

Pergunta: Quais são os princípios, fundamentos, projeto político-pedagógico da Casa de Educação Popular?

*P1: A) Proposta político pedagógica foi construída a partir do método da educação popular; B) Protagonismo dos educandos (por isso não chamamos de alunos); C) Democracia Interna (educação pautada no diálogo e na dialética); D) Compromisso com a classe trabalhadora e as classes populares.*

O segundo entrevistado foi Moisés Costa Ribeiro.

Pergunta: Fale sobre a Casa de Educação Popular em Altamira.

*Moisés Costa: A Casa de Educação Popular é uma iniciativa de grupos de jovens, homens e mulheres, que tem por objetivo principal garantir à classe trabalhadora de Altamira as condições de acesso às universidades, de preferências públicas, tendo como compreensão o direito constitucional à educação para todos os brasileiros.*

Pergunta: Qual o histórico e o contexto que nasce a Casa de Educação Popular?

*Moisés Costa: A CEP nasce num contexto de mudanças socioeconômicas, ambientais e culturais que se avizinhavam para Altamira e região em função da construção da barragem de Belo Monte, a partir de 2010, quando o governo federal realiza leilão da obra. Diante de uma necessidade real de garantir que uma parcela considerável da população altamirense, jovens principalmente, mas também todos que tivessem interesse em estudar, tivessem condições de se preparar para disputar as vagas do ensino superior no Pará e em outros estados do Brasil é que essa iniciativa toma corpo.*

Pergunta: Quais os objetivos e finalidades da Casa de Educação Popular?

*Moisés Costa: Promover a transformação social por meio da educação e formação política. Além de proporcionar que as nossas juventudes tenham acesso ao ensino superior público e gratuito, ao mesmo tempo, que nossos "analfabetos" possam aprender a ler o mundo e escrever sua história a próprio punho, e também proporcionar que a classe trabalhadora inconclusa do ensino médio possa ter acesso a esse direito.*

Pergunta: Quais são os princípios, fundamentos, projeto político-pedagógico da Casa de Educação Popular?

*Moisés Costa: Protagonizar uma educação verdadeiramente libertadora e um projeto político coletivo e equânime.*

Como mencionado pelo professor Fábio Barros, a CEP funciona por meio de Círculos de Cultura (Alfabetização de Jovens e Adultos). Nos Círculos de Cultura da CEP de Altamira, foram letrados 788 trabalhadores das mais diversas idades e, atualmente, 400 trabalhadores se encontram em processo de alfabetização em 05 municípios da região espalhados em 20 Círculos de Cultura. O EJA Popular ensino médio certificou até 2020, 164 estudantes e se encontravam em processo de

certificação de mais 69 trabalhadores.

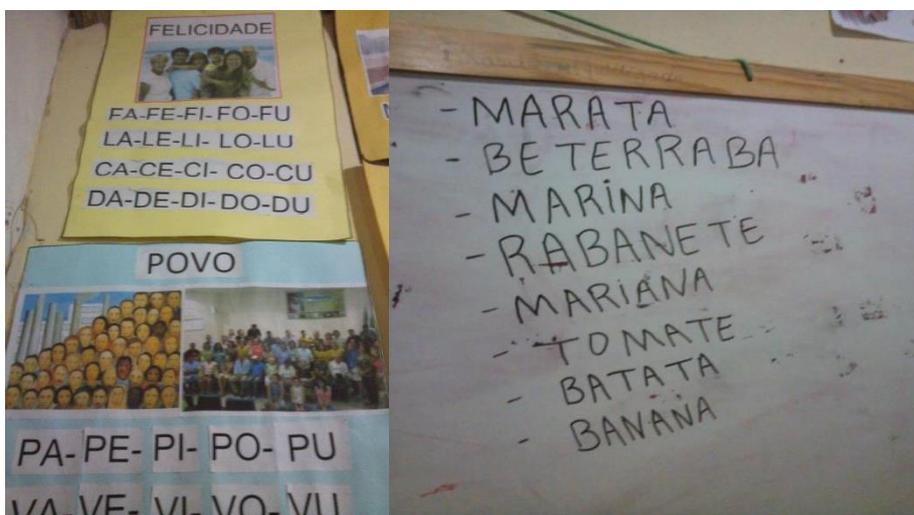
A Figura 8 ilustra um Círculo de Cultura em um bairro periférico da cidade chamado Baixão do Tufi/Boa Esperança, que hoje não existe mais devido às obras de Belo Monte. A seguir, a Figura 9 mostra um encontro do Círculo de Cultura da turma de alfabetização de jovens e adultos no bairro carente Paixão de Cristo.

Figura 8 - Registro de um círculo de cultura que funcionava em um bairro periférico da cidade chamado Baixão do Tufi/Boa Esperança, Altamira-PA.



Fonte: Acervo da CEP, 2020.

Figura 9 - Registro de um Círculo de Cultura da turma de alfabetização de jovens e adultos no bairro Paixão de Cristo



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Os círculos de cultura para Paulo Freire eram os espaços de troca de experiências, de diálogo, de construção e reconstrução. Como citado por este educador no trecho:

Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras” o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva. O diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas. O participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, reduzida e “codificada” em unidades de aprendizados (FREIRE, 1985, p. 16).

Um dos fatores que nos instigou a pesquisar sobre a experiência da Casa de Educação Popular foi a carência de pesquisas (dissertação e teses) sobre a prática dessa entidade que há mais de 10 anos atua na região da transamazônica e Xingu. Além disso, a CEP já teve ou tem atuação em regiões como Carajás, Baixo Amazonas, chegando a desenvolver trabalhos em 17 municípios do estado do Pará, abrangendo milhares de jovens, adultos e idosos, respectivamente, em Cursinhos Pré-Enem, EJA do Ensino Médio e Alfabetização de Jovens e Adultos.

A Figura 10 mostra a cerimônia de formatura de uma turma da CEP em Altamira no ano de 2015.

Figura 10 – Cerimônia de formatura da primeira turma da EJA Popular da Casa de Educação Popular em 2015.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

A Figura 11 mostra alguns dos círculos de cultura com a alfabetização de jovens e adultos no período da construção da Hidrelétrica de Belo Monte. A produção dos educandos do Círculo de Cultura no processo de letramento.

Figura 11 – Imagens ilustrando alguns Círculos de Cultura da Casa de Educação Popular.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Na Figura 12 mais uma turma dos círculos de cultura em outro bairro periférico de Altamira em aula do cursinho popular.

Figura 12 – Sala de aula da Casa de Educação Popular.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Esse fato de estarmos sem as condições objetivas de ensinar e aprender não nos inibiu frente às dificuldades, e mais uma vez Paulo Freire se faz presente, como descrito no Poema “À Sombra desta Mangueira” de Paulo Freire, publicado em 1995:

Escolhi a sombra dessa árvore para  
 Repousar do muito que farei,  
 Enquanto esperarei por ti.  
 Quem espera na pura espera  
 Vive um tempo de espera vã.  
 Por isso, enquanto te espero,  
 Trabalharei os campos e  
 Conversarei com os homens,  
 Suarei meu corpo, que o sol queimara;  
 Meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;  
 Meus ouvidos ouvirão mais;  
 Meus olhos verão o que antes não viam,  
 Enquanto esperarei por ti.  
 Não te esperarei na pura espera,  
 Porque o meu tempo de espera é um  
 Tempo de quefazer.  
 Desconfiarei daqueles que virão dizer-me  
 Em voz baixa e precavidos;  
 É perigoso agir,  
 É perigoso falar.  
 É perigoso andar.  
 É perigoso esperar, na forma em que esperas,  
 Porque esses recusam a alegria de tua chegada.  
 Desconfiarei também daqueles que  
 Virão me dizer-me,  
 Com palavras fácies, que já chegastes,  
 Porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,  
 Antes te denunciam.  
 Esperarei a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim  
 Para a rosa que se abra na primavera (FREIRE, 2022, p. 19).

Por tanto não poderíamos esperar na vã espera pela eletricidade, que até hoje não chegou àquela comunidade de trabalhadores e trabalhadoras, para o diálogo e a troca múltipla que a educação popular propicia. Na figura 13 podemos visualizar um terceiro círculo de cultura realizado pela CEP no período da construção da UHBM. A primeira turma formada pela EJA Popular, em uma aula inaugural da EJA na zona rural, percebe-se o grande desafio desses colonos, pois nem energia elétrica havia.

O fato que nos chama a atenção é a transformação que a Educação Popular pode trazer nesses anos, nos quais a CEP teve atuação. Isso nos coloca como pesquisadores das ações e, ao mesmo tempo, como parte do fenômeno a ser pesquisado, pois somos orgânicos de sua constituição.

Figura 13 – Aulas e ações da Casa de Educação Popular.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

A primeira educanda do cursinho popular a passar na universidade se encontra, atualmente, em outro estado como professora universitária. Infelizmente, não conseguimos contatá-la. Porém, o sucesso do trabalho desenvolvido por voluntários no cursinho popular fica explicitado no sucesso profissional e acadêmico de seus ex-alunos, sendo que no primeiro semestre de 2010 já havia uma estudante oriunda das classes populares, fruto da educação popular, ocupando um cargo de professora universitária.

Com o resultado da experiência, a coordenação do cursinho, deu um passo à frente, se desafiando a ter aulas presenciais diariamente em uma escola localizada no centro da cidade, denominada de Escola Municipal de Ensino Fundamental

Professor Antônio Godin Lins. Também foi tomada a decisão de que os educandos passariam a contribuir com o valor simbólico de quinze reais (R\$ 15,00) destinado à remuneração dos professores, assim como para cobrir os gastos administrativos, tais como materiais de consumo e de escritório.

A colaboração financeira também era uma forma de fazer com o que os estudantes pudessem fazer parte do processo de construção do cursinho. No entanto, uma definição foi firmada entre a coordenação, constando também no Projeto Político Pedagógico (PPP), Estatuto e outros documentos. A decisão seria a de que “nenhum educando ou educanda seria impedida de estudar se não pudesse pagar a contribuição simbólica” (CEP, 2011).

Nessa fase, início do ano de 2010, a escola onde passou a funcionar o cursinho, apresentava grandes problemas para a prática pedagógica, apesar de ser no centro da cidade, a infraestrutura não era adequada e a violência passou a ser constante. Foi a partir disso que iniciaram a parceria com a UFPA. Aqui transcrevemos a fala do professor Dr. Rainério Meireles da Silva, professor titular da UFPA, campus Altamira, que na época era o diretor do campus.

Pergunta: Professor, em 2010, o senhor era o diretor do campus da UFPA Altamira, como o senhor recebeu a proposta de parceria do Cursinho Popular com a universidade, para que este passasse a funcionar dentro do campus?

*Rainério: Bom, respondendo a sua primeira pergunta, eu vim de uma base de formação da igreja católica na comunidade eclesial de base e desde de Belém, nós já fazíamos um trabalho com pessoas que queriam entrar na universidade, com a minha chegada aqui, vindo de São Paulo, eu também tive uma aproximação com a igreja católica Imaculada Conceição, onde lá tinha um projeto de apoio à formação de pessoas, visando prestar concurso, então, eu ministrei aulas lá. Na verdade, foi um convite do Juciele Maia, que já desenvolvia esse trabalho. Aí, com a oportunidade de fazer um programa mais organizado dentro da universidade, então, eu acolhi de braços abertos e nós trabalhamos para que o projeto desse certo, como deu, então, como já tinha essas experiências aqui em Altamira também, com a chegada do Cursinho Popular, foi muito bem recebida e, sem dúvida, todas deram bons frutos, foi uma experiência muito importante.*

Pergunta: O campus na sua gestão não só contribuiu com a infraestrutura como também com a parte pedagógica. Por vezes, colocando seus professores e técnicos à disposição do cursinho, a orientação vocacional ofertada pela universidade era um exemplo disso. Como o senhor avalia essa parceria?

*Rainério: Nem sempre as políticas afirmativas elas são bem-aceitas, até*

*porque muitas pessoas não aceitam. Então, no início teve questionamento, mas porque dentro da universidade, porque isso? Mas, aí depois as pessoas começam a serem convencidas porque passam a conhecer o programa né. E passam a achar importante, na verdade, técnicos e outros professores não estavam acostumados com esse tipo de formação, uma formação alternativa dentro da própria instituição e, aos poucos, que eles foram conhecendo, foram apoiando, se identificando com a proposta e aí se engajaram, uma das características da minha gestão foi dar apoio às ações afirmativas, por exemplo, foi ali que criamos a primeira casa do estudante, justamente, para apoiar pessoas que não tinham condições para se manter em Altamira. Criamos o curso de etnodesenvolvimento, que na política afirmativa, também é de super importância. Começamos, naquele momento, também a trabalhar para trazer o curso de medicina que também veio da política afirmativa ligada ao programa do governo federal “Mais Médicos”. Portanto, políticas afirmativas vêm dando bons resultados para o campus de Altamira.*

Pergunta: Sabemos que o conhecimento é uma via de mão dupla, o senhor avalia que a universidade ganhou com essa parceria, abrindo as portas para jovens que nunca dantes haviam adentrado em um campus universitário. O senhor vê se houve ganhos ou perdas nessa parceria que durou 6 anos, 4 deles sob sua gestão?

*Rainério: Sem dúvida nenhuma o aprendizado ele é tanto para quem está ministrando, como para quem está participando, assistindo às aulas, até porque quem está assistindo deixa de ser um expectador e passa também a trazer a sua experiência. Até porque, a experiência é dos dois, do professor com o conhecimento, muitas vezes com seu conhecimento técnico, e a pessoa que vem com seu conhecimento empírico, começa a juntar esses dois e aí passa a ter um produto muito melhor, e as políticas afirmativas nas universidades, o que muitos pensam como se fosse um favor, na verdade não, eu vejo como um ganho, por quê? Porque essas pessoas trazem uma experiência fantástica que contribui na formação, só pra você ter uma ideia, lá em São Paulo eu participei de uma atividade para novos produtos farmacêuticos, todas as vezes que nós incluímos o conhecimento empírico, o conhecimento das pessoas das florestas, nós tínhamos um salto de 500% na probabilidade de encontrar um produto, às vezes o princípio ativo não era nem para o que eles imaginavam, mas serviam para outras atividades. Então, quando você envolve o conhecimento científico com o conhecimento empírico, nós temos um ganho muito grande, então esses alunos trouxeram para a universidade uma riqueza muito grande de experiência que contribuiu, sem dúvida nenhuma, para que tivessem uma formação muito melhor com experiências fantásticas que ajudaram muito na experiência da instituição.*

Fica evidenciado na fala do professor Dr. Rainério, que somente a teoria é incapaz de formar por completo o cidadão consciente dos seus direitos, como menciona Paulo Freire (2021, p. 87): “a teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

Enfatizamos na fala do professor, aspectos da educação intercultural (conhecimento científico conjugado ao conhecimento da tradição). O cursinho popular sempre tentou superar essa ambiguidade, trazendo a realidade dos educandos/as

para dentro dos conteúdos programáticos, correlacionando os com a realidade, principalmente, a realidade dos nossos povos amazônidas.

Nota-se também na fala do professor Dr. Rainério, que houve uma certa resistência inicial dos servidores e professores da UFPA à instalação do cursinho popular no campus da universidade. Isso demonstra o quão longe da realidade ainda vivem profissionais que derivam de uma educação bancária e não emancipadora.

Apesar da resistência, o cursinho foi instalado no campus universitário da UFPA em Altamira, gerando diversos resultados positivos, entre eles a aprovação de alunos no vestibular da própria UFPA. A Figura 14 apresenta o cartaz de divulgação de aprovados nos cursos de Direito e Ciências Biológicas desta universidade.

Figura 14 - Cartaz de divulgação do Cursinho Popular com alguns alunos egressos aprovados em cursos de graduação da UFPA.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

O Cursinho passou a ser reconhecido em toda região da Transamazônica e Xingu, vindos educandos de outros municípios para estudar. O período em que ficou na UFPA, as aulas eram somente noturnas, mantendo sempre uma média de 70 a 80 estudantes, com lista de espera de até 120 pessoas. A ideia de levar os estudantes para dentro da universidade foi uma estratégia assertiva, pois de acordo com o médico e revolucionário cubano Ernesto Che Guevara: “é preciso pintar as universidades de povo” (CIM, 2018).

Em 2013, resolveu-se criar a Associação Comunitária Casa de Educação Popular (ACEP), onde mais duas frentes de atuação seriam abertas. A ferramenta cursinho passaria a estar dentro de um instrumento formal, legal e institucionalizado. Além do Cursinho Popular, foram incorporadas as frentes de atuação: Alfabetização

de Jovens e Adultos (Círculos de Cultura) e o EJA Ensino Médio Popular.

A partir disso, também se construiu o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Cursinho Popular, trazendo como premissa em seu objetivo geral: “proporcionar aos educandos e educandas uma formação ampla que seja técnica, política e moral, balizada pela construção coletiva do conhecimento e orientá-los para o trabalho e exercício da cidadania” (CEP, 2018, p.4 ).

Este Projeto Político Pedagógico da CEP tem como base legal todas as Leis que regem a educação brasileira, bem como o trato com crianças e adolescentes, dentre as quais, citamos: (i) Lei nº 9394/96 - LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação); (ii) Lei nº 8069/90 - ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente); (iii) Lei nº 10639/03 – torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira; (iv) Lei nº 11645/08 – Acrescenta o estudo da história e cultura indígena; (v) Lei nº 9175/99 – Dispõe sobre a Educação Ambiental; (vi) Resolução 002/2009 CEE/PA; (vii) Resolução CNE/CEB Nº 1; (viii) Resolução nº 001/2010- CEE/PA; (ix) Parâmetros Curriculares Nacionais (CEP, 2018).

O Projeto Político Pedagógico da CEP também explicita o que deveria vir a ser uma escola transformadora e solidária:

A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabem quais são as necessidades e interesse de toda a sociedade. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola também é um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será, então, um centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência (CEP, 2018), p. 7).

O Projeto Político Pedagógico traça também o diferencial de aprendizagem que traremos aqui de forma resumida. Ao longo do ano letivo de 2016, o cursinho popular passou à denominação de Escola Comunitária Casa de Educação Popular, passando a desenvolver uma gama de atividades complementares com a missão de:

Contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para o exercício da vida e para os desafios do mundo moderno, oferecendo um ensino de qualidade, garantindo a participação ativa da comunidade escolar, contribuindo para a formação integral dos educandos e educandas para que eles possam agir criticamente na transformação do seu meio (CEP, 2018, p. 5).

As atividades propostas pela escola foram caracterizadas como aulas

práticas e também para o acompanhamento mais efetivo do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Essas atividades consistiam em: Simulados; Aulas Revisoriais; Saraus Literários; Aulas Passeio; Rodas de Conversa; Aulas Públicas; Reuniões Pedagógicas e Aulas Corujões.

Os simulados baseados em conteúdo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) eram realizados quinzenalmente, abordando os 4 eixos programáticos do Enem e todas as disciplinas e tecnologias (Figura 15).

Figura 15 - Educandos e educandas realizando um simulado para o ENEM.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

As aulas de revisão para o ENEM eram chamadas de “Aulões de Revisão”, aplicadas em um domingo por mês com todas as disciplinas, esses aulões eram abertos para todos que quisessem participar, independentemente de ser ou não estudante do cursinho. Os Saraus Literários eram realizados a cada 2 meses, e consistia na oportunidade para os educandos que quisessem expor alguma habilidade criativa artística, suas habilidades enquanto sujeitos eram tão importantes, e esses momentos envolviam todo o corpo da escola (cursinho popular). A Figura 16 demonstra alguns desses momentos.

Figura 16 - Imagens dos Saraus Populares.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

As Aulas Passeio eram realizadas uma vez por bimestre, duravam cerca de 2 a 3 dias em campo, que pode ser ilhas, sítios arqueológicos, lugares onde os educandos teriam o contato direto com o meio ambiente e onde aliava-se a teoria e a prática, aulas de biologia, geografia, geologia, filosofia e outras disciplinas eram ministradas. Particularmente, tive a honra de ministrar aulas na maior caverna de arenito da América Latina, situada no município de Brasil Novo, estado do Pará. O tema da aula não poderia ser outro: “O Mito da Caverna de Platão” - Livro VII da obra A República (GUIMARÃES; JESUS, 2021). Contudo, como o próprio nome designa, não se tratava apenas de estudo, haviam os momentos de lazer, divertimento, descontração e integração, como é possível observar na Figura 17.

Figura 17 - Imagem de algumas aulas passeio.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

As Rodas de Conversas eram realizadas uma vez por mês quando o cursinho promovia encontros com temas transversais, abordando debates que dificilmente eram discutidos em salas de aulas, mas eram temas geradores e que poderiam inclusive ser abordados no ENEM. Todos os meses um especialista em determinado tema era convidado a mediar esses debates. Os temas mais comuns eram: violência contra a mulher, homofobia, participação política, entre outros (Figura 18).

Figura 18 - Imagem das rodas de conversas.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

As aulas públicas eram também atividades praticadas pelo cursinho mensalmente. Primeiramente, escolhia-se uma data simbólica ou um espaço público simbólico, como praças, feiras ou escolas. E ali montava-se todo o aparato para uma aula aberta a todos que quisessem participar, era um momento de diálogo e aprendizagem com a população (Figura 19).

As Reuniões Pedagógicas eram realizadas uma vez por mês, geralmente, em dois dias, e contava com a direção da Casa de Educação Popular, Coordenação, Corpo Técnico e com dois representantes dos educandos. Nelas eram feitas as avaliações do processo pedagógico, discutidas as estratégias e a tática, a metodologia e o planejamento para o mês. A figura 20 apresenta os registros de alguns desses momentos.

As Aulas Corujões eram realizadas uma vez no trimestre ou bimestre, eram chamadas assim porque os encontros iniciavam às 00:00 horas e se estendiam até às 06:00 horas, sempre utilizando metodologias de três professores, 2 horas cada (Figura 21). As turmas escolhiam quais seriam essas aulas. Entre cada aula um intervalo de 15 minutos era realizado com momentos culturais e de integração, com músicas, danças, poesias e distribuição de lanches.

Apesar de muitos estudiosos não recomendarem o estudo depois das 23 h, o que fazíamos era mais um ato político, recriando a educação popular em cenários que fugissem dos tradicionais, era uma aula festa. Mas há também quem defenda esse horário pouco casual, como Cátia Pipoca, especialistas em concursos públicos, na sua visão “horário mais tranquilo para estudar, em que têm mais concentração e

capacidade de aprendizado” (BLOG CATIA POIPOCA, 2022).

Figura 19 – Registro fotográfico das Aulas Públicas.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Figura 20 - Imagem das Reuniões Pedagógicas.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Figura 21 – Registro de uma das “Aulas Corujões”.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Além de todas essas atividades que faziam a diferença nas ferramentas da CEP, ainda haviam datas comemorativas, como os Arraias Populares (Figura 22), que os próprios estudantes passaram a sugerir, assim como a construção de uma relação não metódica e institucional. Isso foi e ainda é o grande diferencial da CEP, com o acolhimento e o estabelecimento da relação de respeito com os educandos/as dentro e fora da Casa de Educação Popular. Isso se tornou o pilar base para a expansão e sucesso do cursinho.

Figura 22 – Cartaz de divulgação e registro de um dos Arraias Populares da CEP.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Os impactos positivos na vida de muitas pessoas, fizeram com que a CEP ultrapassasse os limites de Altamira, da Transamazônica e Xingu, chegando até municípios como Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Vitória do Xingu, e a outras regiões como o Baixo Amazonas, nas cidades de Santarém e Oriximiná, assim como no sudeste paraense, nas cidades de Marabá e São Félix do Xingu, e nordeste em Bragança.

Seguindo a pedagogia freiriana, a CEP tornou-se uma Escola em

Movimento ou um Movimento Escola. O que, até certo ponto, pode ser entendida como Educação Popular, uma vez que esta é feita pelo povo para o povo. Em entrevista concedida ao Centro de Referência de Educação Integral, em 2015, o professor emérito Miguel Arroyo da Universidade Federal de Minas Gerais opina sobre Paulo Freire, com quem trabalhou: “Por isso, avaliá-lo somente como educador não basta. A radicalidade dele tem que ser entendida dentro de nossa história” (PORTAL APRENDIZ, 2015).

A CEP como um Movimento Escola, ainda num processo árduo de construção e entendimento do contexto social, realizou no ano de 2017 o primeiro Encontro Estadual de Educadoras do Populares da ACEP (Figura 23). O encontro foi realizado em Altamira e contou com a representatividade de 17 municípios e vários coletivos para discutir a Educação Popular e a essência da sua construção.

A partir desse contorno, percebeu-se que o processo construtivo da CEP, que iniciou pelo Cursinho Popular, havia alcançado uma dimensão maior do que era previsto. Isso corroborou para sua disseminação e fortalecimento no decorrer dos anos subsequentes, sempre pautando as suas conquistas na luta do movimento da classe trabalhadora por seus direitos.

Figura 23 – Registros do Primeiro Encontro Estadual de Educadoras do Populares da ACEP.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

## 4.2 Processo Educativo e a Perspectiva Teórico-Methodológica da Casa de Educação Popular de Altamira-PA

A Casa de Educação Popular engloba ferramentas e práticas de trabalho com base na Educação Popular, acreditando que a educação é uma das possibilidades de transformação da sociedade, em que os trabalhadores e trabalhadoras são os principais protagonistas dessas mudanças. A CEP está organizada sobre três pontos: organização, formação e luta, justificando que para a articulação e desenvolvimento do movimento é necessário que os três pontos estejam em profunda concordância.

A Figura 24 mostra a equipe de fundadores da Casa de Educação Popular segurando uma bandeira com a logomarca da instituição, ao lado mostra-se a nova logomarca em homenagem aos 10 anos de atuação CEP no município de Altamira, Pará. Na imagem, a casa simboliza o lugar de aconchego, abrigo, paz, onde todos querem estar, passando a ideia de fazer com que os educandos se sintam acolhidos. A cor laranja significa em sua etimologia, alegria, vitalidade sendo uma mistura de várias cores que representam a diversidade e pluralidade do povo brasileiro.

Figura 24 – Equipe de fundadores segurando a bandeira com a logomarca da Casa de Educação Popular de Altamira, Pará.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

A Casa de Educação Popular está caracterizada como Movimento Popular, à medida que tem sua política organizada de acordo com as necessidades reais das classes trabalhadoras que dela participam, utilizando a metodologia com base na educação popular, para organizar e ajudar o povo a obter conquistas econômicas e

políticas.

A ação política inicia a partir da compreensão de que a Educação Popular é um ato político. Segundo Paulo Freire, “a leitura do mundo antecede a leitura das palavras” (FREIRE, 1989, p. 21). As células da CEP são unidades políticas formadas de quadros do movimento, essas unidades se chamam assim por carregarem o “DNA” da organização, ou seja, todos os componentes de uma célula devem conhecer profundamente toda a organicidade, estratégia e tática da organização.

A Casa de Educação Popular tem uma organização de quadros (verticalizada e pautada pelos princípios do centralismo democrático), por dentro do movimento (horizontalizado ao máximo). Os quadros se organizam nas células (estrutura verticalizada) e a base se organiza nos grupos de base (estrutura horizontalizada). Assim, a instituição está constituída da seguinte organização:

1) As Assembleias possuem papel soberano, eletivo e deliberativo. Cabe a ela definir a estratégia, construir a tática, eleger a coordenação e autorizar a direção. Por isso são necessárias assembleias estaduais e municipais.

2) As Plenárias são cumulativas, tem a função de aprofundar temas fundamentais para construção da estratégia, tática e organicidade do movimento. Ajudam a construir o processo das assembleias (antes, durante e depois). Desta forma, são necessárias plenárias estaduais e municipais;

3) As Direções são constituídas de quadros do movimento, por isso são chamados de quadros dirigentes, não são eleitas em assembleia, são autorizadas, porque devem ser constituídas de indivíduos, com capacidade teórica e prática para apontar os direcionamentos estratégicos (proposta justa no momento justo). Cabe à direção estadual e municipal, as tarefas políticas do movimento. A Casa de Educação Popular se organiza por uma direção coletiva, posto que, ela deve:

1) Estar em consonância com as demandas do Povo (ligada aos interesses do povo, sem oposição com suas pautas);

2) Ter a capacidade de dividir tarefas de acordo com a necessidade, capacidade e identidades de seus militantes;

3) Ter a capacidade de fazer propostas justas, analisar a conjuntura e propor como atuar nela;

4) Ter capacidade teórica e prática de direção (acúmulo teórico e prático para análise, principalmente, a partir da literatura clássica).

Como são tarefas muito complexas, nem todos os dirigentes são dotados das quatro capacidades e, só a coletividade é capaz de suprir essa deficiência humana. As coordenações devem ser formadas de quadros e militantes do movimento, cabe e ela a tarefa de materializar a política estratégica e tática, visualizadas pela direção e deliberadas em assembleia.

Os Grupos de Base estão organizados a partir de um segmento formal institucional, mas com formação, organização e ação política construída com base na luta popular, ou seja, é uma fusão da educação formal imposta pelo Estado Brasileiro e a educação popular libertadora, projetada para a formação de sujeitos políticos construtores da própria história.

A Base é “Povo”, constituída por indivíduos organizados no movimento através dos Grupos de Base. O “povo” constitui a unidade fundamental, sem ela a organização não tem força para materializar suas políticas, e deve ter como objetivo central de obter ganhos reais, do ponto de vista político e econômico, para a classe trabalhadora.

Dessa forma, a CEP tem sua organicidade formatada sobre a construção de Grupos de Base – GB e Células. Os GS são os seguintes:

(i) Cursinho Pré-vestibular – CP: formado por uma coordenação político pedagógica, secretarias, professores e educandos/as

(ii) Supletivo – EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Alfabetização de Jovens e Adultos – Círculos de Cultura: consiste em uma diretora escolar, uma coordenação político pedagógica, secretarias, professores e educandos/as

(iii) Projeto de Inclusão Social - PIS: constitui da organização conjunta entre Direção, coordenação e representação dos educandos/as.

#### 4.2.1 Turmas de Cursinho Pré-vestibular – CP:

Os grupos (turmas) são formados por 40 a 55 educandos, porque uma parte do corpo docente é liberado através da taxa de contribuição dos educandos. Os encontros (aulas) são ordinários de segunda a sexta com duração de 3 horas, divididos em duas disciplinas, com intervalo de 15 minutos entre as mesmas.

Os encontros extraordinários ocorrem de acordo com a necessidade dos educandos e disponibilidade dos educadores. Cada grupo realiza discussões acerca da construção de sua identidade e simbologia, com a escolha de um nome que lhes

represente e de símbolos que ajudem na construção da mística do movimento. Os grupos possuem dois ou três representantes, escolhidos pela própria turma, que são coordenadores do grupo e fazem parte da coordenação municipal do movimento. Cada grupo deverá ter um militante do movimento a sua disposição para fornecer assessoria.

Os encontros devem ser desenvolvidos segundo a pedagogia da educação popular, promovendo a participação (construção do saber coletivo), ligando os conteúdos a temas atuais e vinculados à prática diária dos educandos, com dinâmicas, músicas e poesias e, se possível, com as cadeiras dispostas em círculo para melhorar a interação do grupo.

O movimento promove o seguinte processo avaliativo: simulados quinzenais, com a formulação de gráficos para medir a atuação e evolução cognitiva do educando, bem como a aplicação de questionários bimestrais, para medir a atuação e evolução dos educandos, educadores e do movimento. O movimento desenvolve encontros diferenciados como: aulas passeio, corujões, debates, rodas de conversas, aulas públicas, semanas temáticas e saraus de acordo com as escolas literárias.

#### 4.2.2 Turmas de Supletivo – EJA (Educação de Jovens e Adultos):

Os grupos (turmas) são formados de 35 a 40 educandos por razões econômicas e exigência da Unidade Regional de Educação (URE) e do Conselho Estadual de Educação (CEE). Os encontros (aulas) são ordinários de segunda a sexta com duração de 2 horas, com disciplinas abordadas por módulo com carga horária seguindo as exigências do CEE e do próprio Ministério da Educação (MEC).

Os encontros extraordinários ocorrem de acordo com a necessidade dos educandos e disponibilidade dos educadores. Assim como ocorre com o CP, os grupos EJA também realizam discussões acerca da construção de sua identidade e simbologia, com a escolha de um nome para o grupo e de símbolos que ajudem no reconhecimento do movimento e da unidade escolar.

Cada grupo possui dois ou três representantes, escolhidos pela própria turma, que irão coordenar o grupo e fazer parte da coordenação municipal do movimento. Esses grupos devem possuir um militante do movimento a sua disposição, para assessoria o grupo, neste caso, de preferência um educador-educando (um

educando que participa ativamente das atividades do movimento).

O processo avaliativo consiste na aplicação de provas, trabalhos, simulados e atividades pedagógicas, com a formulação de gráficos para medir a atuação e evolução cognitiva do educando, assim como a aplicação de questionários ao final de cada módulo, para medir a atuação e evolução dos educandos, educadores, da escola e do movimento.

#### 4.2.3 Alfabetização de Jovens e Adultos – Círculos de Cultura:

Os grupos (turmas) são formados de 14 a 21 educandos por uma exigência do Programa Brasil Alfabetizado (PBA) que foi concebido para garantir a alfabetização e a possibilidade de estudo para aquelas pessoas que por algum motivo encontram dificuldades em acompanhar o regime regular de aulas da educação de jovens e adultos, pois no início a Casa de Educação Popular não disponha de recursos para liberação dos educandos educadores, então, em parceria com o programa, ficou garantido a liberação de bolsas para melhorar a didática.

Esses grupos são menores com o fim do PBA via extinção da Secretaria de Educação Especial (SECADI) do MEC. A CEP passou a buscar fontes alternativas para não interromper os Círculos de Cultura, uma delas tem sido o Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu (PDRSX), por meio da aprovação de projetos. O PDRSX é uma das condicionantes da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e seu recurso é destinado para fortalecer a sociedade civil e todas comunidades afetadas pelo grande projeto.

A dinâmica e tática de organização dos Círculos de Cultura são bem parecidos com os demais GB do movimento. Os encontros (aulas) são ordinários três dias por semana, com dias a definir. A duração é de 4 horas para cada encontro, ou seja, 12 horas semanais. Os encontros extraordinários também são de acordo com a necessidade dos educandos e disponibilidade dos educadores.

Cada grupo realiza discussões para a construção coletiva da sua identidade e simbologia, definindo um nome para o grupo e escolhendo os símbolos que os caracterizem. Cada grupo possui dois ou três representantes, escolhidos pela turma, os quais coordenarão o grupo e fazer parte da coordenação municipal do movimento. Também possui à sua disposição um militante do movimento para assessoria do grupo, neste caso, de preferência um educador.

Os encontros devem ser desenvolvidos segundo a pedagogia da educação popular, promovendo a participação de todos para construção do saber coletivo, ligando os conteúdos às vivências dos participantes e vinculados às dinâmicas, músicas, poesias e com as cadeiras dispostas em círculo e não enfileiradas como na escola tradicional. Cada encontro deve ser formatado sobre o método: palavra geradora – codificação – decodificação, através do que Paulo Freire caracteriza no processo de codificação, ou seja, problematização, decodificação é a forma de relacionar a consciência real e efetiva a um procedimento de superação (FREIRE, 1987).

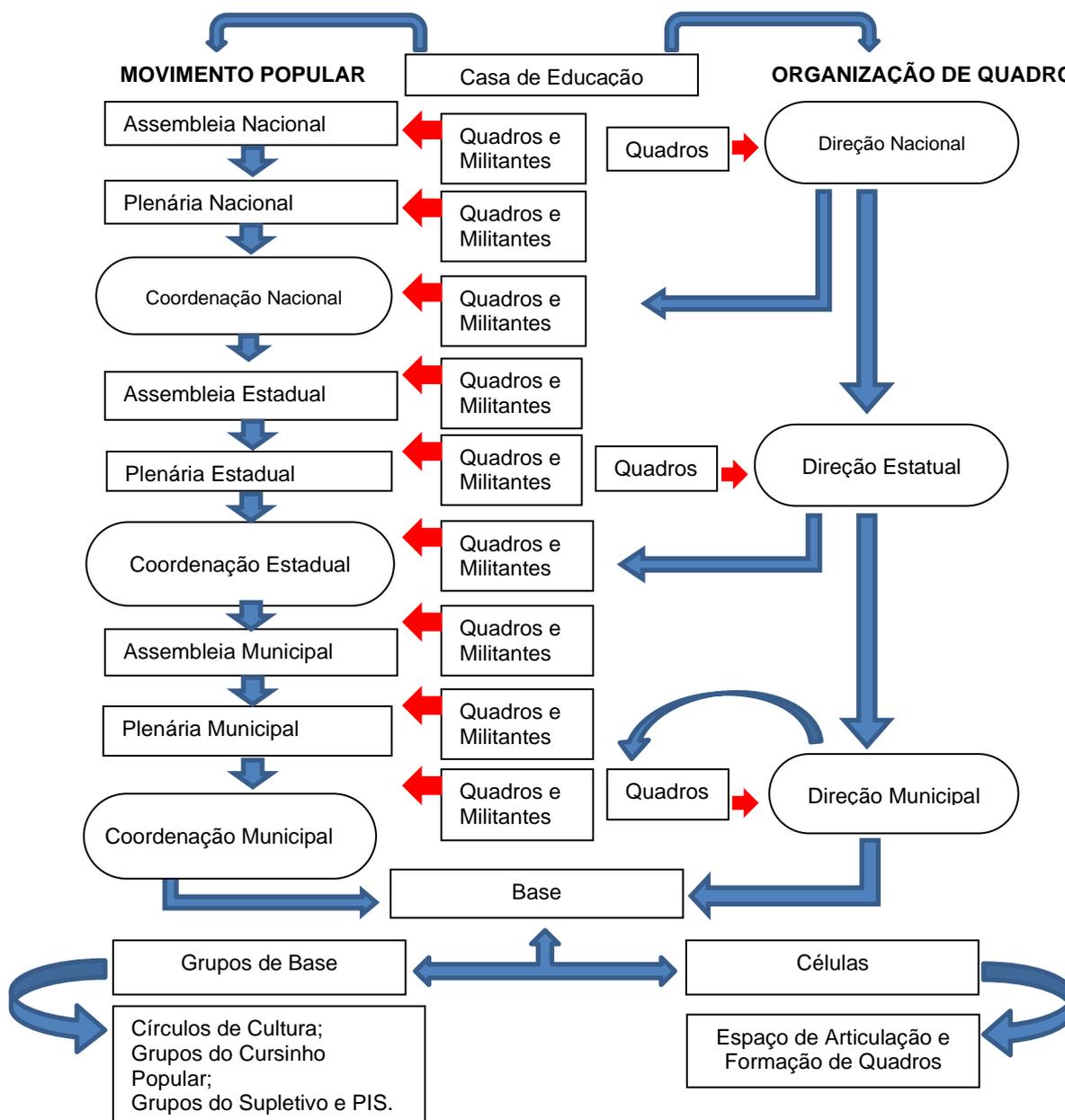
Vale aqui fazer um adendo sobre o processo de Codificação (no nosso caso pedagógico), uma vez que a codificação pode se apresentar sobre vários aspectos e elementos sociais e leitura do mundo. É preciso decodificar aquilo que está camuflado. Para Freire (1981), o processo de decodificação que é uma análise crítica de uma situação codificada. A casa de educação popular em suas três frentes de atuação busca usar a interrogação como fundamento prático para decodificar.

A codificação está lá, colocada como uma suposta verdade, e por meio da leitura desses índices, objetos, coisas ou teorias, que se problematiza do diálogo das dúvidas, as respostas que se queira chegar num processo de emancipação e conscientização dos sujeitos. Sobre isso, Freire (1980, p. 28), nos diz: “é um processo contínuo e infinito, quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos”.

O movimento promove o seguinte processo avaliativo: aplicação trabalhos que culminarão na formulação de novas políticas da CEP, bem como embasamento como proposta de políticas públicas. A avaliação consiste na aplicação de questionários ao final de cada módulo, para medir a atuação e evolução dos educandos, educadores, da escola e do movimento.

Os Círculos de Cultura desenvolvem também encontros diferenciados, em parceria com o Cursinho Pré-vestibular, como: aulas passeio, corujões, debates, Rodas de Conversas, semanais temáticas e saraus de acordo com as escolas literárias. A Figura 25 apresenta o organograma da Matriz do Movimento.

Figura 25 – Organograma da matriz do Movimento da CEP Altamira-PA.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Como a matriz pedagógica do cursinho é Freireana, os círculos de cultura é a principal base do conhecimento da casa de educação popular. Os círculos não são e nem devem ser espaços de monólogos e verdades inquestionáveis, ao contrário, esse é o espaço do diálogo, dos questionamentos, das discussões das codificações e descodificações já tratado acima, é um espaço onde o contraditório mostra-se como a prática dialética. O diálogo proporciona a maximização da consciência crítica sobre a realidade ao desenvolver a horizontalidade a igualdade em

que todos e todas precisam pensar e agir criticamente na linguagem simples que sai do próprio meio onde irá ser executada a ação pedagógica buscando a concretude da realidade (FREIRE, 2003).

#### **4.3 Impactos do Processo Educativo Desenvolvido na Casa de Educação Popular para a Classe Trabalhadora Participante do Movimento**

Segundo os documentos da ACEP, como a Circular nº 14 de 2021, até 2020, foram 713 jovens aprovadas em universidades públicas, em 17 estados diferentes e em 55 cursos distintos (CEP, 2021). Foram aprovados estudantes em 53 instituições federais e estaduais, além de mais de 3.000 jovens que passaram em universidades particulares com bolsas do Programa Universidade Para Todos (PROUNI), do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) do Ministério da Educação, além de outros programas de bolsas universitárias.

Nesse tópico pretendemos dar voz a quem fez parte desse cenário de aprovações para entender os impactos do processo educativo na vida dos envolvidos. A professora Dyanne Milleyse Cabral de Sousa Santos<sup>3</sup> transmite, por meio de sua entrevista, toda a sua experiência na Casa de Educação Popular, especificamente, no Cursinho Popular.

Pergunta: Em qual período a senhora foi professora no cursinho popular de Altamira?

*Dyanne: Fui professora de redação no cursinho popular durante os anos de 2012/2013, e meados de 2014, após esse período fiquei afastada, retornei em 2018 permanecendo como professora de literatura até o início de 2020, quando fomos interrompidos pela pandemia do Covid-19.*

Pergunta: Como a senhora enxergava a proposta pedagógica oferecida pelo cursinho?

*Dyanne: A proposta oferecida pelo cursinho popular é um caminho inovador, pois coloca o indivíduo no centro da aprendizagem. Como protagonista. Considera a realidade, a vivência do educando, o que faz toda a diferença para um processo de ensino aprendizagem significativo.*

Pergunta: Qual foi a experiência de ter trabalhado num projeto que tem como pilar a filosofia freiriana no modo de ensinar e aprender?

*Dyanne: A experiência de colocar em prática o método freiriano foi fantástica...sempre busquei trabalhar com os temas geradores trazendo o*

---

<sup>3</sup>Atualmente, a professora Dyanne Milleyse, ocupa o cargo de chefe de divisão das salas de leitura e bibliotecas na Secretaria Municipal de Educação de Altamira.

*assunto para a realidade do educado, aulas bem dinâmicas e dialogadas, disposição das cadeiras em forma de círculos, sempre priorizando os saberes e as opiniões, uma construção conjunta mesmo. Nossos momentos eram únicos, muito além de uma aula convencional, reflexões e aplicações práticas na vida.*

Pergunta: Como a senhora enxerga os educandos/as que passaram pelo cursinho?

*Dyanne: Os educandos que passaram pelo cursinho popular com certeza saíram com uma visão diferente, como cidadãos, agentes, colaboradores para uma sociedade mais igualitária e mais justa.*

Pergunta: E para a senhora, o que lhe acrescentou na carreira pedagógica? Entendes que melhorou ou piorou passando por essa experiência freireana?

*Dyanne: Como educadora, posso afirmar que aplicar a teoria freireana nas minhas aulas é muito relevante, pois por meio da estratégia de ensino inovadora, alcançamos um maior número de educandos. O método Paulo Freire exige que o educador seja um pesquisador, um estudioso, sempre disposto a aprender e intermediar conhecimento, as ações estão sempre se adequando ao público, não pode ser algo estático ou acabado. Isso proporciona crescimento profissional.*

Na fala da Professora Dyanne há um diálogo direto com os ensinamentos do educador Paulo Freire, vejamos: “Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso. Comecei a sonhar cada vez mais em ser um professor. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito” (FREIRE, 2012, p. 28).

Como trouxe a professora Dyanne, ela esteve como educadora no cursinho popular em dois momentos, o último foi interrompido pela pandemia da coronavírus, que paralisou todas as atividades presenciais da CEP.

Devido a declaração da pandemia da COVID-19, em março de 2020, o mundo vivenciou um dos maiores problemas de saúde da atualidade. Um novo coronavírus denominado de *Sars-CoV-2*, causador de uma Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 se disseminou pelo planeta infectando muitas pessoas. Essa emergência de saúde pública obrigou as autoridades sanitárias a determinarem o isolamento e distanciamento social como medida de prevenção e contenção da transmissão do vírus (SILVA; SANTOS; MELO, 2020).

Dessa forma, todas as atividades presenciais da CEP foram suspensas. Contudo, os alunos precisavam dar continuidade a sua preparação educacional. Isso

esbarrava nas condições socioeconômicas de grande parte dessa população, uma vez que muitos não possuíam acesso à *internet*. Para garantir a acessibilidade às aulas remotas precisaria um mutirão solidário. Assim, a CEP, juntamente, com uma rede de cursinhos populares e comunitários nacionais iniciaram uma campanha denominada de “#4GparaEstudar”.

O uso da *hashtag* nas redes sociais envolveu rapidamente muitas pessoas, formando uma corrente solidária que apoiou 33 cursinhos pré-vestibulares comunitários espalhados por 10 estados do Brasil. Foi possível arrecadar 600 mil reais para garantir planos de *internet* por 3 meses para 4.625 estudantes de periferia<sup>4</sup>.

O NOSSAS, uma rede de ativismo que organiza pessoas, desenvolve metodologias e tecnologias para mobilização no Brasil desde 2011, gerando impacto na sociedade, foi um dos parceiros para a divulgação da *hashtag* “#4GparaEstudar” (NOSSAS, 2020).

O Cursinho Popular da CEP foi um dos selecionados, recebendo pacotes de *internet* para distribuir aos educandos mais carentes durante 4 meses. A Figura 26 mostra algumas divulgações feitas durante a campanha “#4GparaEstudar”.

Figura 26 – Registros de algumas divulgações da campanha “#4GparaEstudar”.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

<sup>4</sup>Campanha “#4GparaEstudar” arrecada 600 mil reais para garantir planos de *internet* por 3 meses para 4.625 estudantes de periferia. Disponível em: <<https://www.4gparaestudar.nossas.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Para alguns alunos, esse movimento nas redes sociais foi essencial para dar suporte tecnológico naquele momento de encontros virtuais. Diante disso, damos voz aos alunos que foram contemplados com os pacotes de *internet* durante a pandemia da COVID-19.

Pergunta: Qual o período em que você ingressou no cursinho popular?

Carlos Eduardo: *Em 2020, eu estava em busca de um objetivo meu, que era me preparar para fazer a prova do ENEM e tirar uma nota razoável para poder entrar na faculdade, lembro que nesse período o Flávio me procurou para me apresentar esse projeto #4GPAAESTUDAR.*

Pergunta: Por que você procurou o cursinho popular?

Carlos Eduardo: *Como eu falei estava louco para me preparar para entrar na universidade, mas com a pandemia não havia como me preparar sozinho, e aí, o Flávio me explicou o programa onde poderíamos ganhar internet 4G para estudar. O programa tinha como objetivo ajudar os jovens carentes que queriam estudar.*

Pergunta: O que o cursinho representou pra você, na sua vida acadêmica e pessoal?

Carlos Eduardo: *Aquele foi um período muito difícil para nós jovens pobres que queria estudar. Então, o cursinho foi uma porta muito boa para mim, onde eu poderia assistir pelo canal da CEP todos os dias aulas online e onde eu pude me preparar, onde infelizmente muitos jovens não tiveram essa oportunidade e não conseguiram se preparar, tanto é que foi o ano de menor adesão às provas do ENEM. Sou muito grato ao Flávio por ter me aberto essa porta onde eu pude me preparar e passar em algumas universidades em vários lugares do país, então, eu consegui graças a Deus, ao meu esforço e a ajuda que tive de pessoas como as do cursinho.*

Pergunta: Fale um pouco de sua história, suas origens.

Carlos Eduardo: *Me chamo Carlos, tenho 21 anos, sou jovem altamirense, contei pra vocês um pouco da minha luta em entrar para a universidade. Sou um jovem que vem de família bem humilde, morei sempre nas periferias de Altamira, antes da barragem, morava nas partes mais alagadas de Altamira, nos períodos que chovia e enchia as partes baixas de Altamira, eu morava nessas partes, onde a gente tinha que se locomover né, para fugir das águas. Depois da barragem fomos realocados para o centro de reassentamento urbano (RUCs)<sup>5</sup>, nós fomos para o Jatobá morei muito tempo nos reassentamentos, e aí foi crescendo e sempre estudando em escola pública, construída dentro do reassentamento, mas sempre tive esse objetivo de conquistar as coisas via vida acadêmica. Não foi fácil, por isso agradeço ao cursinho porque um dos períodos mais difíceis para o Brasil, eu consegui. Me preparei bem, não perdia uma aula online, eu e muitos outros jovens que*

---

<sup>5</sup>RUCs são os reassentamentos urbanos coletivos que foram criados para atender as necessidades de moradia pelos atingidos pela barragem de Belo Monte.

*fizeram parte desse projeto também tiveram a chance de se preparar, sou muito grato mesmo ao cursinho que foi um up na minha vida e hoje estou realizando meu sonho morando aqui em Goiânia e fazendo fisioterapia pelo PROUNI.*

Como evidenciado acima, no período pandêmico a CEP fez de tudo para não abandonar seus educandos, o Carlos foi um dos 122 jovens em todo estado do Pará, contemplados com a Campanha “#4GparaEstudar”. Foram 52 jovens atendidos só em Altamira, bem como outros municípios também foram contemplados pela CEP, sendo eles: Vitoria do Xingu, Santarém e Marabá.

A Campanha “#4Gparaestudar” foi uma das iniciativas educacionais que atingiu 4.221 jovens em todo o Brasil, mas houve outras ações desenvolvidas que também devem ser valorizadas. Como iniciativas de cursinhos comunitários em todos os estados que disponibilizavam, mesmo com suas limitações, as plataformas com aulas gratuitas abordando o conteúdo programático do ENEM.

Vale ressaltar que no período de isolamento e distanciamento social, os professores e colaboradores da CEP não tiveram remuneração pelo trabalho desenvolvido. No entanto, foram incansáveis na preparação de atividades e dinâmicas para os encontros remotos, tais como: *Lives* semanais, plantões e atendimentos pelo *WhatsApp*®.

As *Lives* eram transmitidas pelo canal do *YouTube*®, e todos que tivessem acesso à *internet* poderiam assistir. A Figura 27 mostra alguns dos cartazes de divulgação das *Lives* realizadas no período pandêmico.

Figura 27 – Registros de algumas *Lives* disponibilizadas pelo canal da CEP no *YouTube*®.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Foram realizadas várias *Lives* pela equipe de professores da CEP, proporcionando o intercâmbio entre alunos de diversos estados brasileiros por meio das redes de cursinhos populares, como forma de garantir minimamente a

competitividade dos educandos da CEP no ENEM.

Agora continuaremos a dar voz a quem fez parte da CEP nesse período, como a educanda Eliana<sup>6</sup>:

Pergunta: Quando você ingressou no cursinho popular?

*Eliana: Então, em 2017, eu estava no terceiro ano, e aí entrei no cursinho em agosto se não me engano, é, no segundo semestre de agosto, e o ENEM foi em novembro, né. Então, eu estudei uns três meses no 3º em 2017, e aí, infelizmente, não consegui entrar pra faculdade nesse ENEM que eu prestei em 2017. E aí, retornei para o cursinho em 2018, e aí se não me engano entrei pro cursinho em fevereiro ou março, e aí fiquei até a véspera do vestibular, que acontecia lá em novembro né, e aí eu ingressei na faculdade em 2019. O ENEM de 2018 deu certo, entrei para o curso de Letras e Língua Portuguesa. Entrei na primeira chamada do listão, meu nome estava lá com uma nota incrível, maravilhosa, super grata.*

Pergunta: Por que você procurou o cursinho popular para se preparar para os vestibulares?

*Eliana: Na verdade, assim, lá no terceiro ano, em 2017, sempre nas questões de estudo sempre tive muito apoio do meu pai, muito assim, meu pai concluiu os estudos fez o magistério, pensa em fazer graduação né, coisa que ele comenta, mas não é graduado ainda, e aí ele conhecia o professor Fábio, tinha estudado com o professor Fábio, algo assim, e sabia que o professor Fábio estava à frente do cursinho popular e algo mais, e sempre me incentivou a estudar, e já vinha com essa ideia de conhecer o cursinho pra vê o que eu ia achar, se eu iria gostar. No começo, fiquei meio assim, mas falei vamos ver, um bora lá pra ver como é que é, e já no terceiro ano ele me colocou lá. Estudei esse tempo, e aí voltei no ano seguinte, e foi isso, a indicação foi do meu pai, pois conhecia o professor Fábio e basicamente foi por ele.*

Pergunta: Você foi a primeira da família a cursar o ensino superior?

*Eliana: Não, minha mãe está com dois anos formada e atua na área, ela é pedagoga, e meu pai, como eu já havia mencionado, concluiu os estudos e o magistério e ele pensa em entrar, fazer uma graduação, eu até incentivo ele, um bora vê né, e aí estou no processo na licenciatura também.*

Pergunta: O que o cursinho representou para você?

*Eliana: É uma pergunta muito forte, impactante, até me emociono, eu agora com a visão que tenho agora, paro pra pensar em tudo que aconteceu, como aconteceu, e eu vejo que esse tempo de cursinho foi necessário pra mim. Eu precisava. Minha vida seria totalmente diferente se eu não tivesse entrando numa faculdade, entrando no ensino médio, enfim. Eu acho que esse tempo*

---

<sup>6</sup>Bolsista da Casa da Memória Transxingu e do Laboratório de Linguagem da UFPA campus Altamira.

*que eu passei no cursinho, me preparou e me moldou muito pra chegar aonde eu cheguei até agora tem todo um caminho ainda. O cursinho foi muito importante, e eu digo assim, não em questão de eu me preparar para os vestibulares, mas em questões que eu aprendi assim, processos de vida mesmo sabe, consegui entender que nem sempre vai dar certo, mas que em algum momento de alguma forma vai dar certo. Eu conheci pessoas no cursinho espetaculares, tem amigos que carrego até hoje, que eu carrego pra vida, onde falo, tenho um carinho enorme e o senhor como educador sabe que a gente que está se preparando para prestar o vestibular é muito tenso, estamos ali numa fase que é desgastante que a gente fica a mil ali com a pressão. Eu desenvolvi uma ansiedade muito grande nesse período, eu fiquei com meu mental abaladíssimo, era estudo, era pressão, entrar numa faculdade conseguir um emprego, aquela transição né da fase da adolescência já pensando em entrar na vida adulta, enfim, todo esse drama emocional, enfim. Eu passando todo esse período no cursinho, eu tive esse apoio psicológico e sou muito grata por isso, e toda aquela rede de coordenação do cursinho me ajudou muito, principalmente, a professora Thaís, eu não poderia deixar de falar dela em todo esse processo aí. A Thaís me ajudou muito, ela me deu o colo, literalmente, nos momentos que eu tinha crise, eu falava professora eu não vou conseguir e ela estava ali, me acalmava, me deu todo suporte, todo o pessoal ali, vocês sempre frisaram em se preocupar realmente com a gente porque, melhor que ninguém vocês sabem como é que é todo esse processo, então, o cursinho de representatividade foi basicamente isso, muito importante pro meu crescimento, tanto nas questões de ajudar a fazer uma boa prova, ter boas notas, mas em questão de vivência mesmo de vida, eu aprendi muita coisa, eu vi que foi necessário esse tempo, esse momento até pra uma autoavaliação, pra conhecer, entender que a vida vai ter esses momentos de altos e baixos, e na verdade, assim, foi uma das minhas primeiras frustrações, decepções e aí eu fiquei mal, mas, logo depois, eu entendi, enfim, eu sou muito grata de verdade, de verdade mesmo. Em questão de representatividade também eu passei em Letras, Língua Portuguesa que era minha prioridade na UFPA, passei em Educação Física na UEPA, e passei em Farmácia no SISU. Daí optei por licenciatura, vou ser professora futuramente e ali no cursinho eu já tenho vários nomes, vários exemplos para a minha profissão como eu vou exercer, espelhos de grandes professores, você, a Thaís, o Fábio, são pessoas que futuramente vão continuar me ajudando mesmo que de longe, mesmo que nem se imagina, só pra você ter noção do que o cursinho ainda representa no caminho.*

Duas observações são pertinentes após as falas do Carlos e da Eliana, ambos citam nominalmente os professores e coordenadores da CEP como modelos de luta e engajamento social. Pode-se entender, aqui, que não se trata de personificar o indivíduo, mas uma representação do coletivo buscando centralizar educação no ser humano, uma construção do sujeito numa sociedade extremamente tecnicista.

Assim como na fala do psicólogo Carlos Rodrigues Brandão, em uma palestra com o título “A sociedade que queremos”, proferida para numa conferência realizada em Goiânia no ano de 2011, ele diz: “Sim, é possível construir outro mundo, humano, solidário e fraterno. Esse novo mundo há de ser obra de cada um de nós,

individual e coletivamente”<sup>7</sup>.

Salientamos ainda o compromisso de Freire com outro, o que fica evidenciado num diálogo que ele teve com Frei Betto, onde dizia: “Pode contar comigo, eu estarei com você nas vitórias e na hora do tombo” (FREIRE; BETTO, 2000). A educanda Eliana traz um pouco disso na sua fala.

Além de ações educacionais realizadas durante pandemia da COVID-19, também foram feitas diversas outras atividades solidárias às populações carentes de Altamira. Num breve relato trazemos aqui como foram essas ações juntos aos movimentos em um dos piores momentos da vida do povo brasileiro. Em Brecht (2011, p.1), nos inspiramos: “de hoje em diante, temeremos mais a miséria do que a morte”.

Diante disso, fizemos vários projetos, recebemos apoio de sindicatos de São Paulo de outras instituições, para buscar o básico para essas famílias. Foram distribuídas 10.000 cestas básicas, milhares de máscaras, álcool em gel, gás de cozinha para moradores da região da Transamazônica (Figura 28), foram 4 meses de trabalho incessante, inclusive fazemos menção aqui ao companheiro Jason Silva, que perdeu a vida para COVID-19 durante a pandemia, sempre lutou por justiça social até seu último suspiro (Figura 29).

Figura 28 – Campanha de arrecadação e distribuição de cestas básicas realizada pela Casa de Educação Popular durante a pandemia da COVID-19.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

<sup>7</sup>Entrevista concedida ao Blog do Cláudio Marques. Cerradania. 2011. Disponível em: <<http://cerradania.blogspot.com/2011/05/carlos-rodrigues-brandao-sim-e-possivel.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Figura 29 – Companheiro de luta social Jason Silva que faleceu de COVID-19.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

Assim, a CEP como movimento social teve participação durante a pandemia, lutando junto aos que mais precisavam, perdemos também alguns de nossos companheiros para a COVID-19, mas nunca desistimos do propósito de levar justiça social aos oprimidos. Como menciona Freire (2021, p. 23), entendemos que: “aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Vale ressaltar que essas ações foram organizadas por movimentos sociais que se aglutinavam na Frente Brasil Popular, onde fazíamos parte da operativa executiva. A Frente Brasil Popular congregava vários movimentos da região Transamazônica e Xingu, além da CEP, participaram também o Movimento Atingidos por Barragens, Consulta Popular, Levante Popular das Juventudes, Movimento de Mulheres, Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

A Frente Brasil Popular surgiu em 2015 congregando mais de 60 organizações do campo e da cidade, partidos políticos, intelectuais, artistas, associações e sindicatos. Lançada em Belo Horizonte, tinha como principal objetivo a luta contra o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e a criminalização da esquerda de um modo geral. O lançamento em Altamira ocorreu 15 dias depois de ter sido lançada em Minas Gerais.

Dando prosseguimento às falas dos partícipes da CEP, mais um personagem que participou ativamente do Cursinho Popular foi professor Rayson Furtado, ele nos conta um pouco da sua experiência no movimento.

Pergunta: Professor, em qual período o senhor deu aula no cursinho popular?

Rayson: *De 2017 a 2019.*

Pergunta: O senhor dava aula em outros cursinhos convencionais e escolas, qual era a diferença em dar aula para um cursinho que tinha de fundo a base de uma educação emancipadora sem perder o foco da aprovação dos alunos nas universidades?

Rayson: *Olha só, trabalhar no cursinho popular foi bem diferente, pra mim foi uma experiência enorme, até porque era diferente né, é diferente dos cursinhos convencionais, particulares, o público que estava ali tinha foco, determinação e sabiam o que queriam, sabem o que querem na verdade, e também a equipe de professores conhecendo um pouco a vida, a rotina deles sabiam lidar com essa situação aí, e bem diferente, que eu lembro que tinha roda de conversa, muito legal né, que trazia vários temas para discutir com os alunos, os corujões que dava também um up no cursinho popular e sempre focava no objetivo que era colocar eles numa universidade, ou seja, um resultado positivo, bem diferente dos outros cursinhos, vamos dizer assim, cursinhos particulares porque ali você senta, você dá sua aula, e acabou e pronto, você vai pra sua casa não tem aquele contato às vezes com o aluno como eu tinha no cursinho popular né, conversar saber como está sua vida, e tudo mais, saber quais eram os planos deles para o futuro e isso era muito bacana cara, muito diferente dos outros cursinhos, das escolas particulares também que eu trabalhava, né?*

Pergunta: Dar aula no cursinho acrescentou alguma coisa em sua vida, sua profissão, visão de mundo?

Rayson: *Se acrescentou ou se mudou? Com certeza, Flávio, muita coisa, eu vi que eu tinha que ser mais dinâmico né, conhecer o aluno, saber o que ele tinha já traçado como meta para o seu futuro. Então, fez assim, eu abri um pouquinho a minha mente em relação ao aluno e não ver ele apenas como um aluno, mas sim, uma pessoa que estava ali, que pode contribuir com meu conhecimento, pode contribuir com meu profissionalismo, principalmente, a equipe. Então, o cursinho ajudou muito nisso, tive que ter uma outra visão, uma outra metodologia de trabalho, então, assim, hoje, o que eu tenho e o que eu ofereço para as escolas, para os cursinhos que eu trabalho, eu levo um pouco comigo a respeito do que eu aprendi no cursinho popular.*

Na fala do professor Rayson observamos a forma dele rever sua própria prática pedagógica e sua relação com os educandos, podemos traçar um paralelo com a fala de Brandão (1994, p. 38) citado por Mota-Neto (2015, p. 120): “a educação popular propõe uma teoria renovadora de relações homem-sociedade-cultura-educação e uma pedagogia que pretende fundar, a partir destas relações, uma educação libertadora”.

Ainda sobre as falas do professor Rayson podemos observar quando ele faz a comparação com outros espaços de ensino. O seu relato evidencia a mecanização da proposta educacional vigente, por isso buscamos em Freire “uma

proposta educacional que busque ressaltar os significados dos conteúdos, de acordo com as situações analisadas, isso deve partir necessariamente da compreensão que os indivíduos tem das relações que estabelecem com o real, vividos nas mais variadas circunstâncias” (FREIRE, 1998, p. 38).

Dando seguimento, observemos agora a percepção de Wellington, um educando que fez parte do Cursinho Popular:

Pergunta: Quando você entrou para casa de Educação Popular?

*Wellington.: Entrei na Casa de Educação Popular em 2016, no curso de jovens e adultos. Aí estudei um ano e meio, e terminei esse curso com êxito, foi muito importante para o meu processo escolar porque eu havia passado 20 anos sem entrar numa sala de aula e quanto eu retornei, como eu posso dizer, foi um processo muito acirrado né, porque a gente estuda de uma forma bastante corrida o curso para poder terminar, mas assim, aprendi muita coisa, meu desenvolvimento escolar, mas, enfim, passei esse período lá na EJA Popular.*

Pergunta: Então você fez parte de duas frentes de atuação da CEP. Qual a concepção pedagógica que você enxergou na Casa de Educação Popular e qual o seu diferencial?

*Wellington.: A minha concepção pedagógica foi a respeito de como os nossos docentes traziam a disciplina, muita metodologia é claro, muita visão e com ótimos professores que a gente tinha, que eram referência, né? Nesse processo de ensino nas escolas por onde eles passam e também como davam as aulas, porque era uma participação de todos, não só do docente, mas também do discente, ali, naquele momento, e assim, foi muito gratificante, de como a gente ia aprendendo porque tinha aquele processo da gente fazer rodas de conversas, enfim, aulões, corujões, e depois passei para o cursinho pré-vestibular e também tinha uma metodologia muito boa, e isso fez com que eu hoje possa participar desse processo todo de ingressar numa faculdade federal, que era o meu sonho de âmbito muito grande né. Estou nessa universidade que é a Universidade Federal do Pará, num curso ao qual eu me identifico muito que é o curso Etno desenvolvimento e Educação do Campo, voltado mais ali pro grupo dos agricultores. Enfim, e já estou no terceiro período da faculdade, mas é isso entendeu? O que eu tenho muito é agradecer à Casa de Educação Popular, por onde eu passo eu levo o nome da Casa de Educação Popular como foi o processo de ensino de entrar nesse curso superior, né. No mais, muito obrigado a todos vocês que foram e são muito importantes, e graças a Deus eu sempre pude ser humilde nessa situação, porque ele também a cara de vocês também, ele tem o processo de vocês lá, e isso é muito bom, muitíssimo obrigado, fiquem com Deus e vamos à luta.*

Dois fatores são importantes de observação nesse relato do Wellington. Primeiro, hoje ele tem 48 anos, e sempre sonhou entrar numa universidade, isso nos remete ao filósofo alemão Bertold Brecht quando menciona: “Estuda o elementar: para

aqueles cuja hora chegou não é nunca demasiado tarde” (BRECHT, 1977, p. 7).

Outro fator é que Wellington é militante do movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Observamos na fala do educando Wellington, uma análise importante sobre a diferença do estudo na CEP do estudo convencional, Wellington, que já não é mais um jovem, que já passou por diversos modelos de ensino e aprendizagem, nos deixa explícito essa diferença pedagógica quando se atua com a educação popular.

Outra pessoa que passou pelo cursinho popular foi a Jéssica Portugal. A seguir a sua entrevista e suas pontuações sobre a CEP:

Pergunta: Como foi sua experiência em ser educanda do Cursinho Popular?

*Jéssica: Bom, minha experiência como educanda do cursinho popular eu posso descrever como transformadora na minha vida, é muito emocionante até lembrar, porque fazem mais de 10 anos, mas é, eu conheci o cursinho popular através da igreja católica pela Pastoral da Juventude. Eu já estava me inserindo na PJ e, ao mesmo tempo, estava terminando o ensino médio. Então, esse universo da educação, o universo da militância social que a gente passava naquele período ligado a Belo Monte e, assim, estava um boom social né, um momento de transformação na nossa região e eu enquanto pessoa passava por isso né, jovem que tinha que passar por uma universidade sem saber como iria ser o meu futuro e o futuro da minha região. Então, tudo isso foi o contexto que eu conheci o cursinho popular, e eu fiquei sabendo que o cursinho, os coordenadores eram da pastoral da juventude, então, assim, foi incrível participar do cursinho, porque ele supriu tudo que eu queria como jovem naquele momento, eu queria passar na universidade e eu passei, e afirmo assim, com toda certeza, o cursinho popular contribuiu muito para que eu conseguisse passar né, e não era só as disciplinas convencionais, era formação política também, ambientais e de vida, eu agradeço muito a esse período, eu me envolvia muito mais no cursinho do que até na minha escola, apesar que a minha escola também era muito boa, uma visão humana, então juntou e fui tudo que eu precisava naquele momento, e eu amava, se dissesse, “Jéssica vem pra cá todos os dias!”, eu me empolgava, tinha os saraus né e aí eu amava participar dos saraus que tinham literários, teve semana do meio ambiente, teve semana dos estudos em Marx, teve o simulado e eu lembro que me esforcei muito, fiquei em primeiro lugar, tirei a nota mil na redação, e isso me motivou também pra fazer o vestibular e até na escolha do meu curso isso me influenciou, eu escolhi ciências naturais e biologia muito também influenciada pelos educadores que eram dessas áreas né. Então, a minha experiência com o cursinho popular foi incrível, foi transformadora, sem o cursinho talvez eu não teria construído a minha história profissional da forma que eu construí, e até hoje eu busco sempre ser uma profissional com base naquilo que eu fui enquanto educanda e também como eu observava dos meus educadores, que eu admirava muito né.*

Pergunta: O que te levou a buscar o cursinho?

*Jéssica: Então eu já respondi um pouquinho o que me levou a buscar o*

*cursinho popular, mas também não era o único cursinho que tinha na época, os cursinhos estavam surgindo aqui em Altamira porque, antigamente, não tinha cursinho preparatório, porque não era algo muito da nossa realidade, mas aí tinha outros, por exemplo com grandes propagandas e grande estrutura, e isso até o motivo de lutar para fazer o cursinho, porque eu queria fazer o cursinho popular, eu me identificava com ele, como eu falei não foi só o vestibular que supria a minha necessidade de ter uma educação que falasse da minha vida em si, que falasse do contexto de Belo Monte, da minha luta social, do meu amor ao próximo, de vê a educação como um processo humano e não mercantil, eu tinha essa necessidade, e o cursinho popular era isso pra mim, poder viver aquele momento com pessoas que eu admirava, pessoas que eu gostava, e aí eu briguei até, porque era a noite e minha mãe não queria que estudasse a noite, e eu falei, se eu não fizer o cursinho popular não vou fazer outro cursinho, eu não quero fazer esses caríssimos e tudo, porque eu acredito no cursinho popular e aí foi isso que fez eu escolher também né, eu me identifiquei com o cursinho popular foi por isso que escolhi fazer.*

Pergunta: Quais foram as consequências, sejam elas boas ou ruins de ter feito parte do cursinho?

*Jéssica: sobre as consequências né, consequências ruins eu não tive nenhuma, sendo muito sincera, porque eu me entreguei total ao cursinho, então eu já escolhi o cursinho sabendo o que eu queria, buscando por aquilo. Então, as consequências disso foram boas, supriu minhas expectativas mesmo, eu consegui passar no vestibular e consegui fazer uma universidade pública, isso era um sonho meu e eu consegui né, e aí eu consegui também depois né, trabalhar que era uma necessidade que eu tinha, inclusive o meu primeiro emprego depois foi no cursinho popular, eu já trabalhava como professora e aí foi uma experiência muito significativa pra minha faculdade também e tudo assim, até o meu próprio TCC, até minha própria pesquisa na universidade foi influenciada por isso, eu gostava tanto do projeto e eu fazia parte do projeto, e eu admirava o projeto de educação popular e quis trazer isso pro meu trabalho de conclusão de curso, eu queria fazer a pesquisa, eu quis também depois pesquisar isso. Pra mim, as consequências foram muito boas, como eu disse transformou a minha vida, como eu disse eu não teria conseguido ampliar meus horizontes, minhas convicções políticas, ter feito as escolhas que eu fiz que pra mim foram todas muito significativas mesmo. Eu agradeço profundamente e contribuo enquanto eu posso falar do cursinho, agradecer também, e da forma que for, eu faço, porque eu acredito no projeto da Educação Popular. Pra mim, ela é um meio de transformação mesmo e, principalmente, porque ela transformou a minha vida né, então, eu acredito nisso.*

O que nossa entrevistada Jéssica deixou de mencionar é que ela fez mestrado em um programa extremamente respeitado da área de ciências biológicas da UFPA de Bragança. Em seguida, ela passou no processo seletivo para professora substituta, onde lecionou no magistério superior por três anos no campus da UFPA de Altamira.

A fala da Jéssica evidencia a proposta de uma educação humanista e libertadora, por isso ela tanto insistiu no cursinho popular e carrega as marcas da

educação que não aprisiona, que não oprime, pois segundo Freire (1982, p. 110): “a educação libertadora é aquela que remar contra a maré, por isso ele propõe abandonar a educação bancária, a qual transforma os homens em meros recipientes a serem preenchidos pelos que julgam educar, mas na verdade alienam para dominar”.

Nossa última entrevista foi com a Aline, que também nos apresenta a sua bela história com o cursinho popular.

Pergunta: Nos conte um pouco sobre a sua trajetória na CEP:

*Aline: Bom eu entrei na CEP como aluna pro cursinho pré-vestibular e, logo em seguida, comecei a trabalhar como secretária e auxiliar administrativamente. A CEP sempre foi uma casa pra mim, lugar de acolhimento e muito aprendizado, além de um lugar onde fiz amizades incríveis e absorvi muito conhecimento acadêmico e de vida.*

Pergunta: Então, você passou a ser uma colaboradora, o que você diz dessa experiência?

*Aline: Eu sou grata até hoje por a CEP ter me dado uma oportunidade de emprego, acho que isso é muito importante para uma jovem, o mercado de trabalho ainda mais exigente e essa exigência é relacionada à experiência, então, a experiência que eu tive adquiri na CEP, serviu para abrir portas para eu conseguir empregos em outros lugares, a experiência é essencial.*

Pergunta: Qual a importância que você vê no cursinho popular e da própria Casa de Educação Popular na vida de quem por lá passou?

*Aline: Eu carrego comigo uma experiência incrível, e foi na CEP que eu tive a oportunidade de crescer como pessoa, como cidadã, como estudante e profissional. Então, eu acho que todo mundo que sai da CEP, leva consigo marcas enriquecedoras para a vida. São momentos incríveis que vivemos como alunos, como funcionários. Não é só um cursinho pré-vestibular, é uma casa, onde se pode ser quem é.*

A Aline traz um ponto importante na sua fala, a questão da empregabilidade entre os jovens. Segundo o Atlas da Juventude (2021), 41,88% entre indivíduos de 14 a 17 anos e 26,8% entre os que têm de 18 a 24 anos estão desempregados (BRASIL, 2021). O Estatuto da Juventude (2013), em um dos seus 11 eixos, norteia as políticas públicas destinadas à juventude, com garantia da empregabilidade e a geração de renda (BRASIL, 2017). Outro fato que nos chama a atenção na fala da Aline é essa oportunidade de “trabalho”. A CEP tratava as oportunidades de emprego como um gesto de reconhecimento e pelo comprometimento prestado ao movimento.

Paulo Freire chega a ser categórico ao relacionar o trabalho com a transformação do mundo e a criação da cultura humana. Ele afirma que: “transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os” (FREIRE, 2017, p. 34).

Além disso, a Aline traz nas suas palavras o grande norteador na pedagogia da libertação, o humanismo, a cumplicidade, a preocupação com o outro através do diálogo. Para Freire (1980, p. 43): “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

Ainda segundo Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1974, p. 90).

A CEP sempre se preocupou em acompanhar os seus educandos mesmo depois que adentravam nas universidades, e estiverem aberta contribuir com seus ex-alunos e esses somando ao movimento. Trazemos aqui algumas falas de professores que davam aulas para os educandos oriundos do cursinho popular na universidade:

Pergunta: O senhor vê diferença nos educandos oriundos do cursinho popular em relação aos outros alunos?

Professor 1: *Nossa demais, já na apresentação era nítido a diferença para quem havia feito o cursinho popular.*

Pergunta: O Comportamento era diferente? Comprometimento?

Professor 1: *Sim, até pelo esforço que eles fizeram para entrar e seus históricos de vida.*

Pergunta: A senhora notava alguma diferença dos educandos oriundos do cursinho popular que entravam na universidade?

Professor 2: *Sim, demais, destacavam-se.*

Pergunta: Em qual sentido?

Professor 2: *Ah, em todos, lembro-me que sempre passava um vídeo do Pink Floyd - The Wall, onde eles fazem uma dura crítica à educação mercadológica, isso no curso de geografia, e depois do vídeo abrimos para o debate, e aí tinha 5 ou 6 educandos que vinham do cursinho, e provocaram um debate que nunca esperava, fazendo uma análise da música a qual eu nunca tinha notado, depois disso nunca mais coloquei o vídeo nas aulas.*

A professora Maria Ivonete Coutinho, que foi coordenadora do campus da UFPA/Altamira, a partir de 2016 quando o cursinho ainda tinha sede na UFPA, relata que como professora foi essencial trabalhar nas turmas de graduação com os educandos do cursinho, para ela foi visível o crescimento da universidade com a entrada dos educandos e educandas do cursinho popular, pois mudou até o processo de formação e visão de mundo de muitos professores, e ela ainda destaca a pluralidade nas discussões que iniciavam a partir dos egressos do Cursinho Popular.

O cursinho popular nasce de uma “subversão” em não aceitar, que pretos, pobres, LGBTQIA+, a juventude campesina, as mulheres e todos os oprimidos pudessem ter a chance de subverter a ordem, nesse caso pedagógico, mas o pedagógico é político na educação popular e a busca incessante pela transformação da realidade excludente de nossa sociedade às minorias.

Para Borda (2008 *apud* MOTA-NETO, 2015, p. 104), o sentido negativo atribuído à palavra subversão não designa a adotada pelo movimento, segundo o autor:

Diferentemente das acepções tradicionais desta palavra, que carregam um sentido negativo ligado à “desordem” ou como uma “ameaça” ao regime e aos que estão satisfeitos com o *status quo*, subversão é um conceito teleológico, está ligado a uma utopia, a uma visão de futuro, fruto de uma insatisfação com a realidade social. Ao invés de quererem “destruir” uma sociedade, o que querem os subversores é “reconstruir” a sociedade, segundo novas normas e pautas (BORDA, 2008 *apud* MOTA-NETO, 2015, p. 104).

Assim, a Educação Popular se reinventa e se recria desde as suas origens para combater as opressões e as injustiças que sofrem as populações vulneráveis. Além disso, a educação de forma geral precisa ser um ato político e também um ato de amor (ALENCAR *et al.* 2014).

Por isso, gostaríamos de homenagear à Misael Galbati Junior, ex-aluno da CEP, que infelizmente faleceu no início de 2020. Misael sofria de depressão e, entendemos, que o espírito da Casa de Educação Popular, enquanto instituição orgânica, contribuiu para educação deste aluno enquanto o mesmo esteve conosco.

Misael sempre foi muito participativo e comprometido com o movimento ao ponto de levar ventiladores da sua própria casa quando nossas salas não tinham condicionadores de ar, era o primeiro a chegar e o último a sair das aulas.

Sempre depois das aulas ficava conversando sobre os conteúdos, compartilhando com os professores sobre a intenção de se tornar professor por causa da CEP, pela forma que a prática pedagógica utilizada o fazia crescer como ser humano. Misael foi um dos aprovados em Ciências da Computação no Instituto Federal do Pará, campus Altamira.

Como sempre consideramos os educandos da CEP como para do movimento, foi um choque receber a notícia de sua partida tão precoce, em sua homenagem a biblioteca da CEP recebeu o seu nome. Sua mãe, Maria, gentilmente, aceitou falar um pouco sobre a contribuição do cursinho popular na vida de seu filho, Misael. Dessa forma, transcreveremos um pouco sobre a relação deste aluno com o cursinho por meio da voz dela:

Pergunta: Dona Maria quando o Misael entrou no Cursinho Popular?

*Dona Maria: Então, professor Flávio, ele entrou no cursinho popular em 2019, já pra fazer o vestibular para 2020, nas primeiras semanas que ele começou a frequentar a gente conversava muito, ele gostava demais, não via hora de estar no final da tarde tomava seu banho, se preparava, aí pra lá e gostava muito de conversar, expor suas ideias, e lá era um espaço muito bom pra ele, pra ele colocar suas ideias, as suas articulações, na verdade, ele sentia uma liberdade muito grande no espaço do cursinho, fazendo sempre amizades, sempre chegava com uma conversa diferente de outras pessoas que ele tinha conhecido, das conversas que ele tinha com os professores com os próprios colegas de curso, ele se sentia muito feliz, muito feliz, na época nós não tínhamos como pagar um valor maior e nos indicaram o cursinho popular como um ensino predominante e fazia muita diferença na vida dos alunos que queriam cursar o Enem e não tinha um poder aquisitivo maior naquela época né, diferente de alguns amigos que cursaram o ensino médio com ele, mas assim, era um espaço que ele gostava demais, ele sempre gostava de levar uma bolachinha, eu falava pra ele levar um café, alguma coisa, e ele falava, não mãe, lá todo mundo contribui, todo mundo é muito amigo, é muito unido.*

Pergunta: Então, a senhora sentia que ele gostava de estar lá?

*Dona Maria: Chegou um tempo que ele pediu pra levar o ventilador, eu falei não meu filho, pode levar, porque a sala é um pouco quente e aí eu vou levar o ventilador, interessante que ele começou levar o ventilador na bicicleta, todo dia levava e trazia de volta, eu dizia pra ele, filho pode deixar lá, mas na verdade, é que ele gostava de ligar o ventilador no quarto dele, o ventilador era do quarto dele e assim, ele tinha uma grande preocupação, levar para proporcionar melhor ventilação na sala para que todos pudessem aproveitar daquele momento, então, eu conseguia entender porque ele levava e trazia, e eu dizia, não meu amor pode deixar lá, mas ele trazia de volta né, ele sempre se preocupava não só com ele, mas com o bem-estar das pessoas que estavam ao redor dele, queria proporcionar sempre o melhor.*

Pergunta: Ele fez parte da nossa história, tanto é que nossa biblioteca levava o nome dele. Como a senhora via essa relação?

*Dona Maria: Alguns detalhes que chamaram a atenção era a preocupação dele com os colegas de classe com a situação às vezes de chegar mais tarde e não ter alguém para esperar ali na frente, ele sempre ficava ali na frente com alguém conversando ia na sua bicicleta e voltava. Aí no começo eu fiquei preocupada, ele ia de moto táxi, aí depois ele me convenceu que ele podia ir de bicicleta que não tinha perigo nenhum, vinha sozinho, mas vinha muito rápido no trajeto que ele iria fazer. Então, com esse coração muito bom e eu dei esse voto de confiança e ele ia e vinha e a benção de Deus protegia ele.*

Pergunta: Hoje a senhora faz parte do coletivo mães do Xingu, gostaria que a senhora explicasse um pouco o que é o movimento mães do Xingu e como a senhora conseguiu ou tenta conseguir ir do luto à luta?

*Dona Maria: Transformar o luto em luta num momento de sofrimento, é muito difícil, mas é isso que preenche o vazio que nós temos nos nossos corações pela perda dos nossos entes, e é muito gratificante a gente olhar pro rosto de uma mãe e sentir o abraço dela, e sentir a dor que nós conhecemos e saber que ela não vai desistir, ela vai continuar e que ela vai ter mil razões para continuar, porque o ente querido que ela perdeu, ele deixou aprendizados muito grande e contribuições magníficas na vida das pessoas que passaram por ela, e nos dá força para continuar. Quero ressaltar aqui, a importância da Casa de Educação Popular na vida do meu filho. Não só na questão do ensino que o ajudou nas questões relacionadas ao Enem, adquirindo uma vaga no curso de análise de desenvolvimento de sistema no IFPA, com muito orgulho, mas também na formação moral, na questão de solidariedade de contribuição com o próximo, porque tudo isso ele aprendeu através da educação da Casa de Educação Popular. Que não é só ensino em si, mas que também adquiriu valores e reforçou valores que até então ele praticava, mas o quanto é bom o ensino que visa também a questão social, a questão humana, a questão de solidariedade a questão do amor ao próximo e eu só tenho a agradecer pela contribuição que a Casa de Educação Popular teve na vida do meu filho e na nossa vida.*

O coletivo Mães do Xingu agrega 14 mães que perderam seus filhos para a violência em Altamira. Essas mulheres resolveram se organizar para transformar o seu luto em uma luta coletiva por justiça e amparo (Figura 30), o movimento desenvolve várias ações no campo do apoio psicológico para enfrentamento do luto e das denúncias, criando um laço de fortalecimento entre as mães de vítimas da violência.

Segundo Nagida Gomes, líder do movimento, o principal objetivo desse coletivo “não é enxugar lágrimas das mães, mas sim apoiar e dar forças. Além disso, fazer com que a sociedade e autoridades pensem em políticas voltadas para nossos jovens, deem oportunidades a eles, para que o mundo do crime não interfira na vida

deles”<sup>8</sup>.

Figura 30 – Misael pronto para ir às aulas do Cursinho Popular, ao lado sua mãe com outras mães do movimento Mães do Xingu.



Fonte: Acervo da Casa de Educação Popular (CEP, 2022).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Casa de Educação Popular é uma instituição de Educação Popular fundada em 2013 que nasceu em meio aos movimentos sociais que cresceram em Altamira, Pará, desde a implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. A CEP possui três frentes de atuação, são elas: o Cursinho Popular, a Alfabetização de Jovens e Adultos (Círculos de Cultura) e a EJA Ensino Médio Popular.

Esta pesquisa analisou o processo de implantação da CEP em Altamira e os impactos do Cursinho Popular na vida da classe trabalhadora atendida. A partir da coleta de dados documentais e de depoimentos dos sujeitos participantes do movimento ficou evidenciado que a importância das frentes de atuação da CEP na região, sobretudo, a importância do Cursinho Popular na vida dos educandos atendidos.

Com sua perspectiva teórico-metodológica inovadora baseada nos princípios da Educação Libertadora de Paulo Freire, o Cursinho Popular teve diversos resultados positivos durante os mais de dez anos atuando na educação de jovens e adultos neste município. As entrevistas com os fundadores do movimento, professores

---

<sup>8</sup>Nagida Gomes foi uma das mães que teve seu filho assassinado em Altamira e hoje compõe a coordenação do movimento Mães do Xingu.

e ex-alunos puderam mostrar o impacto positivo do Cursinho Popular na vida dessas pessoas.

A importância da Educação Popular no município de Altamira, num contexto de vulnerabilidade social, teve participação incisiva no cotidiano dos indivíduos envolvidos no movimento, ficando claro que o Cursinho não só foi responsável pela aprovação de grande parte dos alunos mais pobres da cidade em universidades públicas e privadas, mas também teve impacto nos ensinamentos sobre cidadania e política da classe trabalhadora do município.

A perspectiva teórico-metodológica diferenciada das aulas é citada como o grande diferencial do Cursinho Popular, tornando-se a principal característica do movimento-escola. Esse impacto não se restringiu ao município, pois o protagonismo da CEP na luta e resistência pela garantia de direitos fundamentais, inseriu seus membros (corpo do docente e coordenação do movimento) nos espaços de decisão sobre as mitigações às populações atingidas pela UHBM, ocupando uma cadeira na comissão de assistência social do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu, onde votamos projetos a serem desenvolvidos na região, destinados a diminuir os impactos causados pela obra.

No período da pandemia da COVID-19, a Casa de Educação Popular se tornou uma iniciativa presente nos diversos segmentos sociais do município, arrecadando alimentos e proporcionando aulas online para alunos carentes que necessitavam continuar estudando. A CEP, juntamente com várias organizações sociais, lutou pelo direito de sobrevivência dos povos dessa região e pretendem continuar investindo na emancipação social e política da população altamirense.

Como pesquisador me despeço deste trabalho, ao qual fui, ao mesmo tempo, participe orgânico da construção do instrumento, com gratidão pela oportunidade de relatar um pouco dessa experiência ao mundo acadêmico.

Nas minhas palavras finais, cito uma passagem bíblica: “Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito” (COLOSSENSES 3:14). Com base nesse versículo, atesta-se que o amor é a principal causa de transformação, não existe estratégias, táticas, ideologias que possam sustentar suas causas se o amor não estiver presente. Para Freire (1988, p. X): “a amorosidade é a demonstração concreta do profundo amor ao ser humano, que move o diálogo que sustenta a vida e a formação de coletivos críticos e libertários.

O amor não se manifesta somente através da afetividade, do carinho aos

mais próximos, mas ele é fundante na rebeldia contra as injustiças, na luta contra os opressores, e está ao lado das causas justas e se colocar como sujeito à disposição da ação que transforma. A amorosidade precisa ser autêntica, ao mesmo tempo que combativa, humanista, excitatória e solidária. Os militantes, os lutadores/as e lutadoras do povo são providos do amor revolucionário. Por isso saio dessa pesquisa mais humano, mais amoroso e mais consciente de que é preciso fazer mais.

Olhar nos olhos de cada educando e educanda, professores e professoras que eu entrevistei e vê a veracidade de suas respostas, o quanto a educação popular os causou impacto e transformação. Foi transformador para esse pesquisador também, repito, se eu já era humano, saio demasiadamente humano, não há preço na Conquista, na vitória daqueles e daquelas que sempre foram renegados pelo mundo da meritocracia, do sistema estético, econômico e equalizador das desigualdades.

Ao ouvi-los dizer que a Casa de Educação Popular, e suas frentes de atuação, aqui no caso específico, o Cursinho Popular, transformaram suas vidas para sempre, nada pode arrancar a alegria do coração dos que se propuseram a fazer essa história acontecer, com a pedagogicidade amorosa que tanto nos ensinou Paulo Freire no decorrer de sua vida. Para concluir, a certeza que fica é a de que NÃO ACABOU! É preciso continuar amando, se humanizando cada vez mais para que os “esfarrapados” do mundo, os “sem oportunidades”, os “sem esperança”, possam alcançar o seu lugar de direito, e possam também continuar a serem agentes transformadores da sua realidade e das que o cercam.

VIVA A EDUCAÇÃO POPULAR!

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. F.; ALENCAR, A. F.; CAMPOS, F. S.; FEITOSA, S. C. S. **A vida e obra do educador Paulo Freire na rede: software livre, memória e acesso.** Memorial Virtual de Paulo Freire. 2014. Disponível em: <[http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/3454?locale-attribute=pt\\_BR32](http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/3454?locale-attribute=pt_BR32)>. Acesso em: 11 dez. 2022.

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de Caso: seu potencial na educação. **Cadernos de Pesquisas**, v. 49, p. 51-54, maio, 1984.

BÍBLIA SAGRADA. Versão NVI. **Capítulo 8:32.** Bíblia Online. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/jo/8/32>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

BRASIL. Atlas da Juventude. **Evidências para a Transformação da Juventude.** 2021. Disponível em: <<https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/11/ATLAS-DAS-JUVENTUDES-2021-COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

BRASIL. Estatuto da Juventude (2013). **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata.** – 4. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. – (Série legislação: n. 271 PDF).

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).** 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>>. Acesso em: 19 out. 2021.

BRECHT, Bertolt. **Antologia Poética de Bertolt Brecht.** Editora Leitura, 1977. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/brecht/ano/mes/91.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRECHT, Bertolt. **Antologia poética.** Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

BRECHT, Bertolt. **Os dias da Comuna: a poesia na luta pelo futuro.** 2011. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2011/03/18/os-dias-da-comuna-a-poesia-na-luta-pelo-futuro/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

CARTILHA Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica. **Viver, Produzir, Preservar.** Disponibilizado pela coordenação do Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica. 2019.

CEP. Casa de Educação Popular. **Relatório Anual.** 2011.

CEP. Casa de Educação Popular. **Relatório Anual.** 2022.

CHACON, Vamireh. **O Brasil e o ensaio hispano-americano.** 1934. Apresentação: VILAÇA, Marcos Vinícios. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. Disponível em:

<[https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/caa-031-o\\_brasil\\_e\\_o\\_ensaio\\_hispano-americano-vamireh\\_chacon-miolo-para\\_internet.pdf](https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/caa-031-o_brasil_e_o_ensaio_hispano-americano-vamireh_chacon-miolo-para_internet.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CICOUREL, A. **Teoria e método em pesquisa de campo**. In: ZALUAR, A. (Org.). *Desvendo máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 87-121, 1980.

CIM. Conselho Indigenista Missionário. **Que a universidade se pinte de povos**. 2018. Disponível em: <[CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. \*\*Caderno Encantar a Política\*\*. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Cartilha-Encantar-a-Politica.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2021.](https://cimi.org.br/2018/09/que-a-universidade-se-pinte-de-povos/#:~:text=%E2%80%9CQue%20a%20universidade%20se%20pinte,o%20l%C3%ADder%20comunista%20em%20discurso.></a>. Acesso em: 10 dez. 2021.</p>
</div>
<div data-bbox=)

COSTA, J. C. V. Palavras para ler, entender e sentir Paulo Freire. **Educação em Revista**, v. 29, n. 02, p. 279-285, jun., Belo Horizonte, 2013.

Disponível em: <<https://altamira.pa.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/Vol-2-Relat%C3%B3rio-do-Plano-Diretor-PDU.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FEPIPA. Federação dos Povos Indígenas do Pará. **Regiões e povos que fazem parte da FEPIPA**. 2020. Disponível em: <<https://coiab.org.br/para>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, Coleção Polêmica do novo tempo, 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. Coleções Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra da Mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**, São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Um diálogo com Paulo Freire (com Donald Macedo) In: Mac Laren (Org.) **Poder, Desejo e memórias da liberação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. **Uma biografia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. Ana Maria. Araújo Freire (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire 1921-2021: 100 anos de ética, liberdade e educação**. 1. ed. MESQUIDA, Peri; BORGES, Valdir (Orgs.). Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: Propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, J. L. B.; JESUS, S. R. O Mito da caverna e a concepção educativa no livro VII da república de Platão. **Revista Cacto Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online**, v. 1, n. 2, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama - Altamira**. 2010-2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/altamira/panorama>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

IMAZON. Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. **Municípios que mais desmantam e têm pior qualidade de vida na Amazônia**. 2021. Disponível em: <<https://amazon.org.br/imprensa/municipios-que-mais-desmatam-tem-pior-qualidade-de-vida-na-amazonia/#:~:text=Os%20dois%20munic%C3%ADpios%20I%C3%ADderes%20no,Amaz%C3%B4nia%20Legal%20e%20do%20Brasil.>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2019**. Org.: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: IPEA; FBSP, 2019.

IPF. Instituto Paulo Freire. **Gênese e Evolução**. Disponível em: <<http://paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

LIMA, E. I.; NAGAO, F. Q. A.; SELMO, J. T.; LANDIM, S. P. P.; LIMA, V. M. M. O papel da educação formal, não formal e informal na formação política de mulheres educadoras. **Revista Pegada**, v. 20. n. 1, p. 270-286, jan.-abr., 2019.

LIMA, Venício A. de. **Paulo Freire: a prática da liberdade para além da Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. Michael Löwy (Org.). Tradução: SCHILLING, Cláudia; BORGES, Luís Carlos. 4. ed., ampl. – São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana (Sete Ensaios Interpretação da Realidade)**. República Bolivariana de Venezuela. Biblioteca Ayacucho, 2021. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7343502/mod\\_resource/content/1/MARI%C3%81TEGUI%2C%20Jos%C3%A9%20Carlos.%207%20ensayos%20de%20interpretaci%C3%B3n%20de%20la%20realidad%20peruana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7343502/mod_resource/content/1/MARI%C3%81TEGUI%2C%20Jos%C3%A9%20Carlos.%207%20ensayos%20de%20interpretaci%C3%B3n%20de%20la%20realidad%20peruana.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto do Partido Comunista**. 1848. Disponível em: <<https://www.portalabel.org.br/images/pdfs/manifesto-comunista.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MIRANDA NETO, J. Q.; HERRERA, J. A. Expansão urbana recente em Altamira (PA) - Novas tendências de crescimento a partir da instalação da UHE Belo Monte. **Ateliê Geográfico**, v. 11, n. 3, dez./, p. 34-52, Goiânia-GO, 2017.

MORROW, Raymond; TORRES, Carlos Alberto. **Teoria Social e Educação. Uma crítica das Teorias de Reprodução Social e Cultural**. MORROW, R. A., TORRES, C. A. Afrontamento, Porto, 1997.

MOTA NETO, João Colares da. **Educação Popular e pensamento decolonial Latino-Americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. 370f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Educação, Belém-PA, 2015.

NOSSAS. O nossas impulsiona o ativismo solidário e democrático no Brasil. 2020. **História**. Disponível em: <<https://www.nossas.org/about>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Notas sobre o país. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) - Resultados do PISA 2018**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>>. Acesso em: 19 out. 2021.

PDU. Plano Diretor da Unidade. Relatório do Plano Diretor. **Processo De Revisão do Plano Diretor Do Município De Altamira – PA**, volume 2, dezembro, 2010.

PNAS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social. Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Brasília, novembro de 2005. Disponível em:

PORTAL APRENDIZ. A cidade é uma escola UOL: Aprender na cidade. **A atualidade de Paulo Freire**. 2015. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/04/14/a-atualidade-de-paulo-freire/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

RODRIGUES, T. D. F. F.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, J. A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

RUBBO, Deni Ireneu Alfaro. **O labirinto periférico: José Carlos Mariátegui e a sociologia crítica latino-americana**. 2018. 421f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Sociologia, São Paulo, 2018.

RUMMERT, S. M.; ALGEBAIL, E.; VENTURA, J. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18 n. 54, p. 717-799, jul.-set. 2013.

SEVERINO, A. J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 65-71, 2000.

SILVA, D. P.; SANTOS, I. M. R.; MELO, V. S. Aspectos da infecção ocasionada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). **Brazilian Journal of Health Review (BJHR)**, v. 3, n. 2, p. 3763-3779, 2020.

STRECK, Danilo R. Uma pedagogia do movimento: Os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. **Revista de Educação Pública**, v. 18, n. 36, p. 165-177, Cuiabá, 2021.

AMORIM, Tomaz; NASCIMENTO, Vanessa (org.). **UNEafro: 12 anos de luta**. São Paulo: Oralituras: UNEafro, 2020.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
TV. DJALMA DUTRA S/N – TELEGRAFO  
WWW.UEPA.COM.BR**